

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ  
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,  
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

**CARMEN LÚCIA CUSTÓDIO DA SILVA**

**OS DESAFIOS PARA A PROGRESSÃO CONTINUADA E PARA A AVALIAÇÃO  
NAS SÉRIES INICIAIS DE UMA ESCOLA EM PRESIDENTE KENNEDY/ES**

**SÃO MATEUS-ES  
2021**

CARMEN LÚCIA CUSTÓDIO DA SILVA

OS DESAFIOS PARA A PROGRESSÃO CONTINUADA E PARA A AVALIAÇÃO  
NAS SÉRIES INICIAIS DE UMA ESCOLA EM PRESIDENTE KENNEDY/ES

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Martins Cassani

SÃO MATEUS-ES  
2021

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

S586d

Silva, Carmen Lúcia Custódio da.

Os desafios para a progressão continuada e para a avaliação nas séries iniciais de uma escola em Presidente Kennedy/ES / Carmen Lúcia Custódio da Silva – São Mateus - ES, 2021.

88 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2021.

Orientação: prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Juliana Martins Cassani.

1. Progressão continuada. 2. Alfabetização. 3. Letramento. 4. Avaliação. I. Cassani, Juliana Martins. II. Título.

CDD: 371.302

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

**CARMEN LÚCIA CUSTODIO DA SILVA MACEDO**

**OS DESAFIOS PARA A PROGRESSÃO CONTINUADA E PARA  
A AVALIAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS DE UMA ESCOLA EM  
PRESIDENTE KENNEDY/ESPÍRITO SANTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

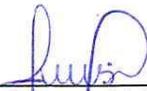
Aprovado em 15 de janeiro de 2021.

**COMISSÃO EXAMINADORA**



---

**Profa. Dra. Juliana Martins Cassani**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)  
Orientadora



---

**Profa. Dra. Luana Frigulha Guisso**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



---

**Prof. Dr. Wagner dos Santos**  
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Dedico esta dissertação aos meus filhos, que são luzes na minha vida. E agradeço pelo incentivo e apoio incondicional!

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, que sempre esteve comigo me capacitando, fortalecendo e protegendo.

Aos meus filhos, por me apoiarem constantemente nessa caminhada, chegando a esta vitória!

À minha orientadora, Professora e Doutora Juliana Martins Cassani pela excelente condução da pesquisa.

À Prefeitura Municipal de Presidente Kennedy-ES, por ter me oportunizado a realização deste Mestrado.

A todos que colaboraram direta e indiretamente, com essa Pesquisa, tornando-a possível.

Quem se sente fascinado pelo mar acaba por descobrir as maneiras de construir barcos e de navegar. Se o mar não me fascina, se ele me dá medo, por que razão haveria de querer aprender a arte de construir barcos e de navegar? É o fascínio que acorda a inteligência. O conhecimento surge sempre no desafio do desconhecido.

Rubem Alves

## RESUMO

SILVA, Carmen Lucia Custódio da. **Os desafios para a progressão continuada nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola do ensino fundamental no município de Presidente Kennedy-ES.** 2021. 88f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Vale do Cricaré, 2020.

Este estudo apresenta discussões sobre os desafios para a progressão continuada nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois ela se configura como uma iniciativa que contribui para que os alunos obtenham as habilidades e competências em um ciclo que é mais longo do que um ano ou uma série. Ele teve como objetivo investigar os desafios da progressão continuada nos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola do Município de Presidente Kennedy-ES, debatendo sobre possibilidades de práticas avaliativas que considerem e reconheçam os conhecimentos dos alunos em relação à alfabetização e letramento, fundamentadas na ideia da não retenção. Os sujeitos da pesquisa foram 6 (seis) professores de uma Escola Polo do município que participaram de 2 (dois) momentos de Roda de Conversa online, o que oportunizou perceber os desafios que os professores enfrentam com a Progressão Continuada, pois destacaram inúmeras dificuldades na sala de aula, dentre elas a alfabetização, letramento e a avaliação, foram abordadas que há dificuldade de atender os alunos de forma individualizada. Assim, a escola precisa reconhecer sua importância da Progressão Continuada, pois ela contribui de forma significativa para o processo de ensino e aprendizagem. Com isso, é válido enfatizar que essas dificuldades necessitam de intervenções urgentes na escola. Assim, como Produto Final, foi elaborada uma Formação Continuada contemplando ações para enriquecimento do fazer cotidiano escolar do professor, promovendo estudos, reflexões e discussões, sobre Progressão Continuada com suportes de materiais para enriquecimento de suas práticas pedagógicas de forma que favoreçam o crescimento da aprendizagem dos alunos com maior qualidade e equidade.

**Palavras-chave:** Progressão Continuada. Alfabetização. Letramento. Avaliação.

## ABSTRACT

SILVA, CARMEN LUCIA CUSTÓDIO DA. **The challenges for continued progression in the early years of elementary school in an elementary school in the municipality of President Kennedy-Espírito Santo.** 2021. 88f. Thesis (Master)- Vale do Cricaré College, 2020.

This study aimed to present discussions about the challenges for continued progression in the early years of elementary school, as it is configured in an initiative that contributes to students obtaining skills and competencies in a cycle that is longer than a year or a grade. He aimed to investigate the challenges of continued progression in the early years of elementary school in a school in the Municipality of President Kennedy (ES), debating possibilities of evaluative practices that consider and recognize the knowledge of students in relation to literacy and literacy, based on the idea of non-retention. The research subjects were 6 (six) teachers from a Polo School of the municipality who participated in 2 (two) moments of online Conversation Wheel, which opportunityed to realize the challenges that teachers face with continued progression, because they highlighted numerous difficulties in the classroom, including literacy, literacy and evaluation, were addressed that there is difficulty in assisting students individually. Thus, the school needs to recognize its importance of Continued Progression, as it contributes significantly to the teaching and learning process. Thus, it is worth emphasizing that these difficulties require urgent interventions at school. Thus, as final product, a Continuing Education was elaborated contemplating actions to enrich the teacher snaily school wire, promoting studies, reflections and discussions on Continuing Progression with material supports to enrich their pedagogical practices in a way that favors the growth of students learning with higher quality and equity.

Keywords: Continued Progression; Literacy; Literacy, Evaluation.

## LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base nacional Comum Curricular
CCE	Conselho Estadual de Educação
CF	Constituição Federal
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PAEBES	Programa de Avaliação da Educação Básica
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	Plano Nacional da Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
SEME	Secretaria Municipal de Educação

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>18</b>
2.1 AVALIAÇÃO E FRACASSO ESCOLAR .....	18
2.2 A PROGRESSÃO CONTINUADA.....	24
2.3 ANÁLISE DA PROGRESSÃO DA PROGRESSÃO CONTINUADA .....	29
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>34</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	34
3.2 ELABORAÇÃO DO PRODUTO FINAL .....	37
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	<b>41</b>
4.1 OLHAR DOS PROFESSORES SOBRE CURRÍCULO .....	41
4.2 OLHAR DOS PROFESSORES SOBRE A PROGRESSÃO CONTINUADA .....	44
4.3 OLHAR DOS PROFESSORES SOBRE OS DIFERENTES NÍVEIS DE CONHE- CIMENTO.....	50
4.4 OLHAR DOS PROFESSORES SOBRE A AVALIAÇÃO .....	51
4.5 OLHAR DOS PROFESSORES SOBRE OBSERVAÇÕES E/OU SUGESTÕES .....	53
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>58</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>63</b>
APÊNDICE A - ROTEIRO PSRA RODA DE CONVERSA .....	66
APÊNDICE B - PRODUTO FINAL .....	87
<b>ANEXOS</b> .....	<b>87</b>
ANEXO 1 - CARTA DE ENCAMINHAMENTO .....	87
ANEXO 2 - AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO .....	88

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil tem conquistado expressivos e significativos avanços na educação básica, tais como, ampliação do número de pessoas que têm acesso às escolas, que assegura a permanência e sucesso escolar, referenciais para a educação, progressão continuada nos anos iniciais do ensino fundamental, dentre outras, com o compromisso em atender, de forma justa, todos os níveis e modalidades da educação e ensino, na perspectiva de qualificar a aprendizagem.

Neste âmbito, não somente o campo educacional, mas também o campo das políticas públicas, deveria pensar na relação qualidade de ensino, sucesso escolar e a progressão nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Participar do Mestrado é estar consciente de um aprendizado diferenciado e enriquecedor, que em cada etapa da minha trajetória pessoal e profissional venho buscando aperfeiçoar, desde a minha infância, minha formação acadêmica e minha prática pedagógica. Hoje, ao recordar com lembranças, depois de tanto tempo, pude perceber os motivos pelos quais escolhi a minha profissão, e compreender as experiências vividas e lições que me fizeram amadurecer e, conseqüentemente, crescer em todas as dimensões.

Cursei a faculdade de Letras/Literatura que foi a realização de um sonho, primeiro porque era uma meta que eu ansiava alcançar, e segundo porque me senti mais capacitada como profissional, pois ao analisar o que estudei no magistério, em comparação com a faculdade, percebi como muitos conceitos foram ultrapassados e o quanto, novamente, aprendi, pois o que pensamos hoje, certamente, é diferente do que percebíamos no passado, até mesmo porque as coisas vão mudando com o passar do tempo, e um profissional da educação, por ter a tarefa de ensinar, deve estar o mais atualizado e capacitado possível.

Em minha caminhada profissional, atuei 10 (dez) anos como professora da Educação Infantil, na turma de Pré II, onde contribuí para o desenvolvimento intelectual, psicológico, físico e social das crianças, buscando complementar a ação da família e da própria comunidade, com olhar na alfabetização, pois sempre estivemos cientes de que, nesta fase, as crianças iniciam o despertar para a leitura, estimuladas ao aprendizado através da ludicidade e da brincadeira.

Estive 14 (catorze) anos atuando em turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental como alfabetizadora, buscando propiciar um ambiente de descobertas e estímulos dentro do que acredito como processo de alfabetização. Prossegui a

caminhada profissional como coordenadora pedagógica, com a missão de contribuir na gestão escolar, que se deu numa perspectiva, por demais, idealista, amava todo o discurso teórico em torno do fazer docente.

Hoje, atuo como gestora escolar, mas ainda tenho necessidade de aprimorar meus conhecimentos, em consonância com as práticas de regência de classe, coordenação pedagógica e gestão escolar, pois um bom profissional deve reconhecer a importância de estar, a cada dia, atualizado, aprendendo mais, lendo, em pesquisas e estudos, para nunca perder a oportunidade de crescer em conhecimento e sabedoria.

De modo específico, esta pesquisa encontra-se relacionada a um conjunto de artigos desenvolvidos no âmbito do Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (Proteoria/Ufes), os quais possuem a colaboração da orientadora deste trabalho de Mestrado, Professora Dra. Juliana Martins Cassani. Esses estudos têm assumido, como objeto de investigação, a avaliação educacional no campo da Educação Física.

O estudo de Santos et al. (2019a) intitulado *Avaliação na educação física escolar: analisando as experiências das crianças em três anos de escolarização*, aborda a importância de se construir uma avaliação que considere as especificidades da Educação Física como componente curricular e, da mesma maneira, dê visibilidade à relação com o saber produzido pelas crianças em diferentes anos da escolarização.

Sobretudo, o trabalho de Santos et al. (2019b) - *Práticas avaliativas de professores de educação física: inventariando possibilidades* – busca apresentar possibilidades concretas de práticas avaliativas para a Educação Física e a necessidade de se elaborar e utilizar instrumentos de registro que assumam as especificidades da Educação Física no cotidiano escolar e, ao mesmo tempo, deem visibilidade à relação com os saberes produzidos pelos alunos. Esta ação permite analisar as práticas avaliativas e as ações realizadas no processo ensino-aprendizagem, bem como projetar a contribuição da Educação Física na escola.

Em completude a isso, o artigo de Santos et al. (2014), com o título *Avaliação na educação física escolar: construindo possibilidades para a atuação profissional*, fundamentou-se na perspectiva de avaliação, construir e apresentar, de maneira colaborativa, possibilidades concretas de práticas avaliativas para a Educação Física escolar.

No que se refere à avaliação e à progressão da aprendizagem realizadas no Estado do Espírito Santo, enfatizamos que, no ano de 2000, foi implantado o Programa de Avaliação da Educação Básica do Espírito Santo - PAEBES e, a partir do ano de 2008, o programa passou por alterações, adquirindo reconfigurações e também fortalecimento das ações, consolidando parcerias, no desenvolvimento de avaliações regulares das aprendizagens dos nossos alunos, através de centros especializados em avaliação externa e em larga escala.

O município de Presidente Kennedy-ES como não é rede, não possui autonomia, segue às políticas da Progressão Continuada da Rede Estadual, a qual está subordinada. E, de acordo com o site da Secretaria de Educação do Governo do Estado do Espírito Santo (SEDU): “O PAEBES teve início no ano de 2009, no sentido de avaliar os estudantes do Ensino Fundamental e Médio do Espírito Santo das escolas da rede estadual, redes municipais associadas e escolas particulares participantes [...]” (SEDU, 2019).

Em relação à alfabetização, este programa assumiu características específicas, materializado no documento denominado Programa de Avaliação da Educação Básica do Espírito Santo – alfabetização (PAEBES-ALFA), que “[...] visa diagnosticar a proficiência dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental em Língua Portuguesa e Matemática” (SEDU, PAEBES-ALFA – 1ª ONDA, 2012, p. 5).

No Brasil, a padronização na elaboração dos currículos era garantida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs. Este foi um documento implementado, em 1997, com o objetivo “[...] de que cada escola formule seu projeto educacional, compartilhado por toda a equipe, para que a melhoria da qualidade da educação [...]” (PCN, 1997, p.10). Ele serviu de ponto de partida para o fazer do docente, norteando suas atividades, em sala de aula, em respeito a toda proposta do Projeto Político Pedagógico - PPP elaborado na escola, com a coparticipação de todos, adaptando os conteúdos à sua realidade social que está inserida numa concepção de educação empenhada com a formação integral dos alunos.

Portanto, os PCNs surgiram como um instrumento de apoio às discussões pedagógicas no seio das escolas, de forma a contribuir no planejamento das aulas, análise do material didático, na elaboração de projetos educacionais, bem como na reflexão da prática pedagógica do professor.

Contudo, a partir de 2017, surgiu a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017), que é o documento com caráter normativo que serve de referência

para a elaboração dos currículos da Educação Básica no nosso País.

Ela norteia os currículos das Unidades Federativas, primando pelas propostas pedagógicas das escolas públicas e privadas de todos os segmentos educacionais do país, desde a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. O documento estabelece os conhecimentos, as competências e habilidades que devem ser desenvolvidas no decorrer da escolaridade básica, em primor aos princípios éticos, políticos e estéticos, bem como por uma sociedade democrática, justa, inclusiva e para a formação humana integral dos cidadãos.

No ano 2020, foi implementada, em todas as escolas da Educação Infantil, Ensino Fundamental Anos Iniciais e Finais – no Brasil, a BNCC (BRASIL, 2017). Neste sentido, os materiais didáticos, os Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) das instituições de Ensino, os cursos de formação inicial e continuada de professores, bem como os sistemas avaliativos devem se fundamentar em suas orientações curriculares (BRASIL, 2017).

Neste cenário educacional mais amplo, também vivenciamos a meta almejada do Plano Nacional de Educação, elaborado em 2004, que é a ampliação do Ensino Fundamental para 9 (nove) anos de duração. Por meio dele, tornou-se obrigatória a matrícula da criança a partir dos 6 (seis) anos de idade para, assim, ofertar-lhe um período mais longo para as aprendizagens próprias desta fase, dentre elas a alfabetização, de acordo com a Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013 (BRASIL, 2013)

Como parte desta Política, encontra-se também a Progressão continuada, que se configura em uma iniciativa contributiva para que os alunos obtenham as habilidades e competências em um ciclo que é mais longo do que um ano ou uma série. Ela não prevê repetência e reprovação, mas tem a recuperação dos conteúdos através de aulas de reforço. A partir de 2020, a progressão vai da Pré escola ao 2º ano do Ensino Fundamental I. Grispino (2000) afirma que:

O termo progressão continuada, num sentido amplo, aplica-se a toda educação, pois o ensino-aprendizagem precisa estar inserido numa progressão continuada de estudo. Sob o prisma da legislação, refere-se à formação de ciclos, num processo de conscientização de que o aluno não pode estacionar, tem que progredir continuamente dentro de sua fase de desenvolvimento, de seu nível de conhecimento, de seu ritmo de aprendizagem, num processo de promoção automática, ou seja, a reprovação é substituída pela progressão continuada, em que os alunos são avaliados passo a passo, reportando-se a recuperações paralelas, reforço de estudos e, se necessário, à recuperação final, no período de férias (GRISPINO, 2000, p.2).

Neste contexto, em leitura à BNCC (BRASIL, 2017), não se encontram elementos para discutir sobre a progressão continuada nos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como suas implicações para os processos de ensino e de aprendizagem. O documento somente enfatiza, de forma geral, as competências e as habilidades que devem ser desenvolvidas no decorrer da Educação Básica, não apresentando as bases para as práticas da progressão continuada.

Esse contexto levou-nos ao diálogo com autores que discutiram a progressão continuada dos alunos na educação básica, com o objetivo de aproximar o debate proposto pelo campo científico. Loguercio e Zasso (2016, p. 2) afirmam que essas práticas de avaliação consistem na não reprovação, ou seja, a progressão não pode levar em consideração se o aluno está ou não alfabetizado, mas constitui-se em um procedimento que lhe permite sucessivos avanços, sem interrupções, nas séries, ciclos ou fases

Dentre os autores que discutem sobre a progressão continuada no ensino fundamental, tem-se o enfoque na escolar nacional, com dados sobre a sua abrangência, bem como sua configuração nas instituições. Porém há uma ênfase nas políticas, que demandam mais investigações relativas às dimensões de formulação, implementação e de seus impactos. Barretto e Sousa (2004), em uma revisão de estudos publicados sobre ciclos e progressão escolar no país, afirmam que, nas propostas do sistema de progressão continuada, a responsabilidade com a democratização do ensino, excede a busca de regularização do fluxo escolar, e que um dos princípios fundamentais desta política é contribuir para preservar a autoestima dos alunos ao respeitar as diferenças.

A progressão escolar, para Esteban (2008), implica mobilizar e utilizar os conhecimentos discentes. Neste caso, compete ao professor conhecer seus alunos, para ensinar partindo do que já sabem, de forma progressiva, e não o que eles não são capazes de entender. Portanto, a aprendizagem deve ser a principal preocupação da escola. Para tanto, é necessário que se reorganize a cultura escolar de forma que este espaço passe de agente de fracasso a promotor do sucesso dos estudantes, que conseqüentemente refletirá na da instituição. Para a autora, a escola pública demanda conhecimentos sobre seu cotidiano “[...] para além do que se pode perceber através da avaliação do desempenho” (ESTEBAN, 2008, p.5).

Já Venturini (2017) e Souza e Sousa e Scaff (2018) enfatizam a questão da avaliação na Progressão Continuada nas práticas de alfabetização e do letramento

com enfoque nas reformulações das práticas avaliativas. Para os autores, a avaliação deve ser processual, não priorizando somente o resultado, mas como instrumento de prática de investigação, de forma que sirva para questionar a relação do processo ensino-aprendizagem. Desta maneira, será possível identificar, nos alunos, seus conhecimentos construídos e suas dificuldades de uma forma dialogada.

Neste contexto, aquilo que é considerado um “erro” deve servir de pistas, que demonstram como o aluno está em relação aos seus conhecimentos, se já possui novos e/ou se estão adquirindo, para que se tenha uma melhor compreensão dos mesmos. Menossi (2019) afirma que:

[...] aprender é construir o próprio saber, oposto a concepção tradicional, a avaliação assume um aspecto mais abrangente, não se limitando apenas em atribuir notas, sua dimensão vai além da verificação de resultados e se concretiza no sentido de verificar em que medida os alunos estão alcançando os objetivos esperados, e quais caminhos o aluno percorreu para chegar a determinado resultado (MENOSSI, 2019, p.16)

Assim, no decorrer de todo o processo educacional, é necessário rever planejamentos e metodologias dos docentes e criar, na escola, um trabalho conjunto que envolva a equipe gestora e pais, de forma colaborativa para que mudanças aconteçam de fato e, mais ainda, na perspectiva da não retenção.

Neste contexto, levantamos o **problema** que suscitou esta pesquisa: Quais as potencialidades e desafios da progressão continuada nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola situada no Município de Presidente Kennedy/Estado do Espírito Santo?

Para responder a essa questão, assumimos como **objetivo geral**: investigar os desafios da progressão continuada nos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola do Município de Presidente Kennedy-ES, em debate sobre possibilidades de práticas avaliativas que considerem e reconheçam os conhecimentos dos alunos em relação à alfabetização e letramento, fundamentadas na ideia da não retenção.

Para alcançá-lo, assumimos como **objetivos específicos**:

- **Verificar** o entendimento dos professores sobre os processos de alfabetização e letramento realizados nos primeiros anos iniciais do Ensino Fundamental, em uma Escola situada no Município de Presidente Kennedy-ES;

- Examinar os documentos norteadores do Programa de Progressão Continuada, elaborados pelo governo Estadual do Espírito Santo e pelo município de Presidente Kennedy-ES;
- Produzir, como Produto Final desta dissertação, uma Formação que aborde a temática da Progressão Continuada, em uma escola do município de Presidente Kennedy-ES.

Assim, são necessários estudos que discutam sobre os desafios da Progressão Continuada nos anos iniciais do Ensino Fundamental, devido as suas potencialidades e implicações na reorganização do ensino, bem como sua contribuição para o professor, como suporte para o seu cotidiano em sala de aula.

Esta pesquisa se justifica, pois, conforme o diálogo com a produção científica, pela necessidade de investimentos em estudos que abordem a questão da alfabetização, letramento, com um olhar especial para a progressão continuada e para a avaliação como prática processual. Neste sentido, Bertagna (2010) afirma que a progressão continuada é vista como um avanço, como uma maneira de ampliar o sentido da escola, sem considerá-la seletiva e excludente diante de resultados avaliativos, regularizando o fluxo de alunos no decorrer dos anos da escolarização.

Assim, os processos de alfabetização e letramento são interdependentes e, quando bem articulados, conduzem o aluno a uma aprendizagem mais significativa, em contribuição para que ele possa, de forma contínua, aprender a ler e a escrever compreendendo o mundo, o tempo, o espaço em que está inserido, bem como a realidade em torno de si. (SOARES, 2004)

Todas essas ações ocorrem de forma que o aluno obtenha as competências e habilidades necessárias ao longo do período da progressão que, a partir do ano 2020, de acordo com a BNCC, abrangerá até o 2º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental com estudos previstos, sem interrupções e também sem retenções.

Neste sentido, é essencial conhecer e entender sobre as políticas de avaliação em regime de progressão continuada, já que a segunda etapa da Educação Básica possibilita maior tempo para os discentes se alfabetizarem.

Espera-se, portanto, com o produto a ser desenvolvido, contribuir com os professores para que possam refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem dos alunos do Pré II ao 3º ano do Ensino Fundamental, ofertando-lhes suportes materiais que enriqueçam as suas práticas pedagógicas, potencializando os seus

fazeres docentes em relação aos processos de alfabetização e letramento.

Diante do cenário exposto, esta dissertação encontra-se organizada da seguinte forma:

O capítulo 1 apresenta a introdução, que retrata a temática da pesquisa com um breve histórico do Programa de Progressão nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no processo de ensino e aprendizagem.

O capítulo 2 enfatiza todo o referencial teórico, em diálogo entre autores como; Esteban (2005), Loguercio e Zasso (2016), Barretto e Sousa (2004), Soares (2016), e Souza, Sousa e Scaff (2018) que fundamentam a pesquisa, partindo das temáticas: alfabetização, letramento, progressão continuada avaliação e fracasso escolar perpassando pelo ciclo da progressão continuada, pela aprendizagem escolar e refletindo sobre a mesma, e suas possíveis contribuições e consequências.

O capítulo 3 enfoca a metodologia da pesquisa, com as descrições e justificativa, em que são enfatizados os procedimentos metodológicos que serão aplicados no decorrer das etapas da pesquisa. Aborda também o estudo teórico e documental que foi realizado mediante a consulta de várias fontes, bem como será exposto o questionário (Apêndice A) aplicado aos professores das turmas de Pré II ao 3º ano. Tal questionário visa delinear todo o estudo que realizado.

O capítulo 4 enfoca a apresentação do instrumento aplicado aos professores e a análise dos seus resultados com os dados estatísticos através da produção dos gráficos dos mesmos.

Finalizando, temos o 5º capítulo que apresenta as considerações finais abordando toda uma síntese dos elementos constantes sobre os desafios da progressão no Ensino Fundamental I e a sua influência no processo de ensino-aprendizagem dos alunos do Pré II ao 3º ano, unindo as ideias.

No Apêndice B, se apresenta como produto final desta dissertação uma formação que aborde a temática da Progressão Continuada em uma escola do município de Presidente Kennedy-ES. Esta ação visa contribuir para estudos e reflexões dos professores e pedagogos sobre as potencialidades e desafios da progressão continuada nos anos iniciais do Ensino Fundamental, repensando a avaliação para enriquecimento de suas práticas pedagógicas.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 AVALIAÇÃO E FRACASSO ESCOLAR

Abordar sobre os desafios para a progressão continuada, é pensar numa sociedade exigente por uma prática pedagógica que vise a melhoria do processo de ensino-aprendizagem, em que a avaliação escolar seja um instrumento que contribua para avaliar a evolução dos alunos no seu desenvolvimento.

A avaliação ocorre na escola, a todo o momento, desde quando o aluno entra pelo portão, através do porteiro, até os demais funcionários da limpeza, biblioteca, secretaria, enfim, por todos que fazem parte do contexto escolar. É nesta perspectiva que consideramos que a discussão sobre avaliação não deve ficar restrita, simplesmente, à sala de aula, mas ser aberta e ampliada a toda comunidade escolar. Esteban (2005) entende que:

A avaliação pretende promover uma reflexão que participe da experiência de ensinar com e de aprender com tecida coletivamente na sala de aula, na sala de professores, no pátio, no refeitório, nos banheiros, no portão, na biblioteca, nos tantos outros lugares por onde transitam os sujeitos que se encontram na escola para realizarem, juntos, um trabalho que visa à ampliação permanente dos conhecimentos (ESTEBAN, 2005, p.35).

O que reforça a nossa tese de que a avaliação acontece em todos os espaços escolares, o que demonstra a necessidade de investigar a sua abrangência, uma vez que as práticas avaliativas ocorrem onde existem sujeitos.

Para tanto, isto deve ser um procedimento que deve ir além de aplicações de testes e notas aleatórias, mas uma proposta de um acompanhamento do aluno em diferentes fases e momentos do processo educativo, isto é, avaliação ao longo da aprendizagem. De acordo com Luckesi (2000):

Avaliar um educando implica, antes de mais nada, acolhe-lo no seu ser e no seu modo de ser, como está, para, a partir daí, decidir o que fazer. A disposição de acolher está no sujeito do avaliador, e não no objeto da avaliação (LUCKESI, 2000, p. 2).

Na trajetória educacional tivemos, por muitos anos, a avaliação usada como instrumento de classificação, seleção, ameaça e para rotular. Nesta perspectiva, ela sempre esteve relacionada com o poder, na proporção que dá ao professor o

controle da sua turma.

De acordo com a História da Educação, a avaliação no modelo tecnicista era uma arma ameaçadora que privilegiava a atribuição de notas e a classificação dos alunos, assim, um instrumento de poder e dominação. Além disso, muitos professores, quando frequentaram a escola, vivenciaram essa experiência, a qual transferem para seus alunos.

Mas, sem os instrumentos da avaliação, como garantir que os conteúdos são aprendidos? Como identificar quem sabe e quem não sabe? Assim, a ideia de que a avaliação é uma prática indispensável ao processo de escolarização, continua sendo um tema polêmico.

Porém, é válido salientar à medida que se aprimora a formação pedagógica do professor, vai se modificando a visão da avaliação, pois este profissional, passa a ver novos modelos e, com isso, passa a ver mais sentido.

Hoje, já é modelo ultrapassado, pois a avaliação é considerada uma das mais importantes ferramentas para se atingir o principal objetivo da escola, que é fazer com que os alunos avancem. Silva (2017) afirma que:

O ato de avaliar geralmente não é utilizado como forma de repensar a prática, e sim como meio de julgá-la e torná-la estratificada. Com a função classificatória, a avaliação não auxilia o avanço e o crescimento do aluno, somente a função diagnóstica serve para essa finalidade. Um grande poder é atribuído ao professor; sempre se entendeu que avaliar o aluno era verificar o quanto ele havia assimilado do conteúdo transmitido (SILVA, 2017)

Neste contexto, está claro que, atualmente, mais do que nunca, deve-se buscar caminhos para verificar a qualidade do aprendizado dos alunos, bem como oferecer alternativas para que evoluam de forma segura e que realmente construam seu conhecimento de forma que se adaptem às diferentes situações didáticas que podem e devem ser usadas em sala de aula, para atender os objetivos do trabalho que estiver sendo desenvolvido.

Sabe-se que, em virtude de respeitar as especificidades de cada aluno, o ideal é mesclar, de forma a adaptar aos objetivos propostos pelo professor de acordo com as necessidades de cada turma. Portanto, a avaliação escolar deve ser vista como reorientação para uma verdadeira aprendizagem e, conseqüentemente, para a melhoria do sistema educacional.

Considerando que além de pluricultural a sociedade brasileira é extremamente desigual, cabe indagar: as escolas podem garantir a uniformidade requerida, em contextos com enormes disparidades socioeconômicas e grandes diferenças culturais? Quanto dessa uniformização é parte de um processo de desqualificação e destruição de culturas que diferem da hegemônica? A escola de qualidade deve cumprir esse papel? (ESTEBAN, 2014, p. 467).

Portanto, é importante refletir e planejar, minuciosamente, antes de propor as estratégias de ensino em sala de aula com foco no individual e também no coletivo, levando em consideração o professor e o aluno, que são os dois protagonistas. Assim, para uma reflexão sobre o ato de avaliar, é necessário que ambos tenham momentos para ação-reflexão-ação, bem como valorizar a avaliação no processo ensino-aprendizagem.

Segundo Luckesi (2002), “Seja pontual ou contínua, a avaliação só faz sentido quando leva ao desenvolvimento do educando” e envolve três passos, que são: diagnóstico, que é para saber o nível atual de desempenho do aluno; qualificação, que é o comparar a informação do diagnóstico com o que é necessário ensinar no processo educativo e, por fim, a tomada de decisão, através de planejamento de atividades, sequências didáticas e/ou projetos de ensino visando atingir os resultados esperados.

No Espírito Santo, tivemos a Resolução CEE/3.777/2014 que consolidou a avaliação como um dos instrumentos para a sustentação da qualidade do Sistema da nossa educação, com processos avaliativos internos ou externos em subsídio à formulação de diretrizes para melhoria do processo de ensino-aprendizagem, de nossas Políticas Públicas da Educação Básica e, também, para a gestão das instituições escolares, primando pela melhoria da qualidade do ensino, bem como da formação, da construção de conhecimento dos alunos e das atividades pedagógicas desenvolvidas nas referidas instituições, pois tudo isso contribui diretamente no processo de avaliação escolar.

A avaliação escolar é fundamental sobre os rumos do sistema de ensino, além de auxiliar o trabalho do professor, o permite conhecer seus alunos e encontrar quais são suas dificuldades. É um mecanismo que permite definir as prioridades sobre os resultados encontrados, direcionando sua prática para um ensino de qualidade na busca do desenvolvimento dos educandos. (SOUZA; SOUZA; BOONE, 2018, p.4).

Nos últimos anos, tem ocorrido, de forma expressiva, um aumento na

preocupação com a avaliação escolar, com propostas curriculares, pedagógicas e didáticas, num trabalho integrado entre professores, técnicos, pesquisadores e poder público, visando a melhoria da realidade da sala de aula e na oferta de condições de melhoria da educação pública, principalmente no que se refere a ela, em que todos buscam enfrentar alguns desafios e obstáculos existentes neste movimento, visando sua superação e melhoria da avaliação escolar, de forma a verificar somente aquilo que foi ensinado ao aluno.

Partindo desta premissa, compete ao professor buscar, no processo ensino-aprendizagem, envolver todos os alunos nas atividades propostas, respeitando suas diversidades, ao observar, anotar, replanejar, fazendo sempre uma averiguação precisa e abrangente. Em relação a avaliação escolar, vale ressaltar que:

- Deve-se dar o direito ao aluno de ter conhecimento sobre o próprio processo de aprendizagem para que ele possa se empenhar na superação das suas necessidades;
- Os pais são corresponsáveis pela educação dos filhos e também por parte significativa dos estímulos que estes devem receber.
- Compete, ao professor, avaliar constantemente sua prática pedagógica.
- Compete, à equipe docente, garantir a continuidade e a coerência na trajetória escolar de todos os alunos.

Não se pode negar que exista, ainda, ambiguidade no processo de avaliação escolar da aprendizagem, fracasso escolar e também desafios a serem superados, pois é o professor que o realiza e o interpreta. O seu resultado é que vai determinar o sucesso ou o fracasso do aluno, pois este chega à escola num contexto de estruturas de compreensão diferentes das normas escolares, de diferenças culturais. Isso faz com que a pluralidade de significados vá se cruzando com as interações pessoais e também nas estruturas subjetivas de compreensão. Para Cavalcante; Mello (2015):

Qualifica-se a avaliação como atividade necessária no planejamento do ensino, na orientação da gestão pedagógica e no desenvolvimento institucional, mas ainda não se consegue fazer dela uma ferramenta apropriada para diagnosticar as deficiências do ensino e suas implicações na aprendizagem. Em vista disso, questiona-se a pertinência da avaliação praticada e dos instrumentos utilizados para identificar se o aluno aprendeu ou não[...] (MELLO, 2015, p. 423)

Porém, também pode aumentar a complexidade da avaliação, pois além dos

grupos serem diferentes, com diversos sujeitos, podem se utilizar instrumentos similares psicológicos ou materiais, mas de variadas maneiras.

Vale destacar que o fracasso escolar se refere aos alunos que não conseguiram completar etapas do ensino obrigatório com devido sucesso, em virtude de dificuldades de aprendizagem, abandono escolar entre outros. Ele também inclui alunos que têm um baixo desempenho escolar, não adquirindo os conhecimentos mínimos.

Portanto, a maneira como a escola avalia e ensina reflete a educação que ela valoriza. Porém, a Avaliação deve ser capaz de mostrar o valor do aluno, permitindo que ele cresça como indivíduo e integrante de uma sociedade. Existem vários professores que usam o termo, aqui pesquisado, ora se referindo ao ato de medir, ora se referindo ao julgamento de valor. A falta de clareza desses conceitos tem certamente influência na prática avaliativa.

Segundo o pedagogo e filósofo Gadotti (2000, p.23) "As exigências são outras e o papel do educador é adaptar-se: deixar de ser selecionador para que se tornar um gestor do conhecimento." Em outras palavras, não adianta ficar lamentando. Atualmente, em todas as profissões estão exigindo mais competências, presença e versatilidade e isso não seria diferente com a educação

Portanto, esse é um problema tanto educacional quanto social, pois as crianças são o futuro do país, e o fracasso escolar envolve um conjunto de fatores que influem, que se inter-relacionam, fazendo com que os alunos não alcancem sucesso no ensino.

Neste contexto, podemos citar algumas causas do fracasso escolar em relação ao aluno: a questão motivacional, o envolvimento no processo de aprendizagem, falta de apoio e da ajuda da família, nível econômico familiar, problemas de aprendizagem e outros.

Temos algumas causas do fracasso escolar, em relação ao seu ambiente: a relação dele com o ambiente, a cultura, origem do aluno, classe social, estrutura familiar, dentre outros. Esteban (2014, p. 129) enfatiza que:

Assim, estudar o cotidiano das escolas públicas que recebem crianças das classes populares exige diálogo constante com as margens sociais, com os sujeitos insignificantes que emergindo delas transitam na escola, com as práticas negadas, com os resultados não celebrados. Estudar o cotidiano escolar das crianças das classes populares é enfrentar a complexidade do cotidiano em que se produz o fracasso, olhando o seu avesso para fazer

emergir os fios que tecem o êxito como uma possibilidade, não de algum aluno ou aluna individualmente, mas de um segmento social historicamente negado, marginalizado, abandonado (ESTEBAN, 2014, p. 129).

Temos, também, algumas causas do fracasso escolar, em relação ao sistema educativo, que envolvem: a gestão, administração e professor nas suas atitudes, crenças, práticas pedagógicas e métodos de ensino. Assim, é necessário fornecer uma solução educativa que vise, independente da cultura e da economia dos alunos, a promoção da sua igualdade de oportunidades. Bett e Lemes (2020, p. 4-5) enfatizam que:

Existem problemáticas frequentes na sociedade brasileira desde os primeiros movimentos em direção à escolarização da população, quais sejam: ingresso, permanência do aluno na escola e repetência. A evasão escolar, as políticas educacionais e outros aspectos relacionados à aprendizagem vêm denunciando a lógica excludente da educação no sistema capitalista. Os índices de reprovação ou abandono em 2016, segundo indicadores do INEP são, respectivamente, de 5,9% e 0,9% nos anos iniciais; 11,4% e 3,1% nos anos finais e 12,0% e 6,6% no ensino médio (BETT; LEMES, 2020, p. 4-5).

O fracasso escolar pode ser de 4 (quatro) tipos: primário, secundário, circunstancial e habitual. Primário é aquele que aparece logo no início dos anos de escolaridade, dificultando seu desempenho escolar, associado às suas dificuldades de amadurecimento.

O secundário é o tipo que aparece alguns anos depois do início da escolaridade da criança. Nele, os anos escolares anteriores são de resultados muito bons, porém, após alguns anos surge este tipo de fracasso acompanhado de dificuldades e de problemas em virtude de mudanças, no aluno, da infância para a adolescência e/ou qualquer outro problema na sua vida que interfira em referido momento, em sua vida escolar.

Outro tipo de fracasso escolar é o circunstancial, que é transitório e isolado, ocorrendo em uma época determinada da vida do aluno às causas específicas e excepcionais. Porém, quando estas são identificadas, facilita suas abordagens e tratamento, sem maiores problemas, pois o aluno possui bom desempenho escolar, mas em virtude desse fracasso transitório, ou circunstancial, tem seus resultados afetados, por situações que geram impacto emocional grande no referido estudante.

E, por fim, tem-se o fracasso escolar habitual, em que o aluno apresenta, desde início da escolaridade, notas ruins e suspensões frequentes, em virtude de

causas individuais dos discentes, como por exemplo, atraso ou transtorno de desenvolvimento psicomotor e/ou da linguagem falada e outros, fazendo com que tenha uma desadaptação escolar.

Vale ressaltar que o fracasso escolar pode ter inúmeras consequências, dentre elas: Insatisfação e sentimento de incompetência, Insatisfação dos professores, Problemas trabalhistas, Preocupação dos pais e abandono escolar.

- A Insatisfação e sentimento de incompetência entre os alunos que não conseguem alcançar os estudos mínimos, são considerados consequência mais comum entre os discentes, pois acreditam na sua incapacidade de conseguir, de que a vida escolar não é feita para eles. Com isso, não se sentem à vontade na escola, sentem-se fracassados e insatisfeitos em aprender o que lhes ensinam.
- Insatisfação dos professores, isto é, grande número de professores se sentem desmotivados e desconfortados ao transmitir seus conhecimentos e pode, até, ocorrer depressão.
- Problemas trabalhistas, pois o fracasso escolar afeta o social desses alunos.
- Preocupação dos pais, que são os primeiros a serem afetados pelo fracasso escolar dos filhos.
- O abandono escolar ocorre em virtude de o aluno perceber que não consegue alcançar o objetivo dos estudos mínimos e, com isso, decide abandonar a escola.

## 2.2 A PROGRESSÃO CONTINUADA

Sabemos que as escolas básicas, em nosso país, passaram por transformações, no decorrer no século XX, visando atingir todos os alunos em idade de frequentar o ensino compulsório. Uma das ações efetivadas foi o Sistema de Progressão Continuada que é uma das formas que existe nas escolas do Ensino Fundamental, desenvolve um trabalho que pressupõe que o aluno deve adquirir as competências e habilidades em um determinado ciclo, sendo mais longo que um ano. Este sistema de ciclos não prevê reprovação, mas propõe a recuperação através de aulas de reforço.

O objetivo do Sistema de Progressão Continuada é regularizar o fluxo de

alunos ao longo dos anos de escola, visando superar o fracasso escolar das grandes taxas de reprovação. Para isso, busca-se oportunizar aos discentes acesso ao estudo, sem interrupções ou repetências, diminuindo, desta forma, a possibilidade de desânimo do educando, além de evitar que seu aprendizado seja prejudicado. O fato é que a reprovação não melhora a qualidade do ensino, pois se fosse pelo número de reprovados, o Brasil poderia estar entre os campeões em educação, o que, como é de amplo conhecimento, não acontece.

A Progressão Continuada tem toda trajetória, pois a retenção aponta duas ordens de consequências indesejáveis que são os prejuízos causados à organização e ao financiamento do sistema de ensino e também os obstáculos ao processo de aprendizagem dos alunos e seus prejuízos no plano pessoal, familiar e social. Porém, Ranieri (2018) afirma que:

[...] no Brasil, a trajetória da educação básica como direito – atrasada em relação aos países mais desenvolvidos e ao conjunto da América Latina – foi marcada pelos traços dominantes de nossa cultura católica, agrícola e escravocrata, refletidos em um sistema de ensino desorganizado, elitista e seletivo. Para se ter uma ideia, o país tornou-se independente em 1822 com praticamente toda a população analfabeta. Em 1900, a taxa de alfabetização era de 35%; em 1959, de 49%; em 1990, de 80% (Coelho de Souza, 1999). As Constituições de 1824, 1891, 1934, 1946 e 1967 – sob as quais foram produzidas ao menos seis reformas educacionais, enfrentaram desafios educacionais relacionados à equidade, financiamento, acesso e qualidade, sem resultados substanciais. Tal padrão foi apenas alterado com a Constituição Federal de 1988, que instituiu a previsão de escolarização universal, gratuita e compulsória, de nível primário e secundário (RANIERI, 2018, p. 16)

A História da Educação nos mostra que em meados do século passado, o Brasil apresentava os mais elevados índices de retenção em relação aos demais países da América Latina, de acordo com Barreto (2001):

Em meados do século, o Brasil apresentava os índices de retenção mais elevados em relação a outros países da América Latina: 57,4% na passagem da 1ª para a 2ª série do ensino fundamental. Estudos realizados pela Unesco mostravam, à época, que 30% de reprovações acarretavam um acréscimo de 43% no orçamento dos sistemas de ensino (BARRETO (2001, p. 104).

Neste contexto, a temática da promoção na escola primária, na época, ganhou destaque em nível nacional, em 1956, em Lima, na Conferência Regional Latino-Americana sobre Educação Primária Gratuita e Obrigatória, promovida pela Unesco, em colaboração com a Organização dos Estados Americanos (OEA), que

deu subsídios às discussões, estudo sobre as questões das reprovações, gerando medidas que foram criadas com sucesso por diferentes países, visando deter a expansão das reprovações nesse nível de ensino, abordando sobre a promoção automática. Nesta Conferência, teve a seguinte recomendação final de Almeida Júnior:

[...] que se procure solucionar o grave problema da repetência escolar que constitui prejuízo financeiro importante e retira oportunidades educacionais a considerável massa de crianças em idade escolar, mediante: a) a revisão do sistema de promoções na escola primária, com o fim de torná-lo menos seletivo, b) o estudo, com a participação do pessoal docente das escolas primárias, de um regime de promoção baseado na idade cronológica do educando e outros aspectos de valor pedagógico, e aplicá-lo, com caráter experimental, nos primeiros graus da escola. (CONFERÊNCIA, 1956, p.166).

Vale ressaltar que nessa época, a concepção de escola primária vigente, era a de instituição seletiva, em que os programas escolares se mostravam alheios às necessidades sociais urgentes e, também, desatentos aos interesses e características dos alunos de forma uniforme, de estado para estado. Porém, desde as primeiras décadas do século, que se aponta uma grande necessidade de reformulações, além das contribuições das Ciências da Educação que enfocavam essa abordagem.

Portanto, o Congresso de Lima de 1956, recomendou que os programas escolares funcionassem, referindo-se diretamente à vida do aluno, como elemento de transmissão e também de unidade cultural, apontando para reconhecer e solucionar os problemas sociais. Bett; Lemes (2020) são enfáticas quando abordam:

O fracasso escolar deve ser considerado como uma das contradições sociais; um produto, inclusive deliberado, da própria estrutura e organização social brasileira, prenhe de mediações que visam a manutenção da desigualdade social por parte da classe dominante. Desta forma, o foco dos esforços para a resolução da queixa por meio da legislação e de intervenções junto à família, apenas, não nos parece tarefa que irá solucionar os problemas da escolarização, haja vista a estrutura excludente da própria educação com seu modelo seriado e disciplinar, gerador de repetências e desinteresse (BETT; LEMES, 2020, p.12).

Nessa época, a educação era considerada, no Brasil, uma condição indispensável para o alcance do avanço tecnológico e para a incorporação da grande população migrada do campo. Não havendo, aí, espaço para uma escola fundamental que criasse obstáculos para o desenvolvimento econômico e social.

Tornando-se, assim, mais frequente a argumentação de natureza social, política e econômica em prol da adoção da promoção automática ou a flexibilização do percurso escolar, de alguma possível forma. Alves (2012), se apropriando das ideias de Mainardes (2007), enfatiza que a promoção automática

[...] surgiu na década de 1950, sob a justificativa de reduzir as altas taxas de reprovação e o desperdício de recursos financeiros com a escolarização. O autor enfatiza que a promoção automática não garante, por si só, a melhoria da qualidade do ensino; sua única intenção, naquele momento, era desinchar o sistema de ensino. (ALVES, 2012, p.90)

Além disso, os estudiosos reconheciam a retenção escolar como outro inconveniente prejudicial, economicamente, e que dificultava a organização de um sistema de ensino primário obrigatório e gratuito para todos os brasileiros como pessoas e aos obstáculos à aprendizagem. Eles afirmam que existem fatores de desestímulo à aprendizagem, dentre eles: formação de classes heterogêneas quanto à idade, humilhação dos alunos, o desgosto da família, e reprovações que não exerciam nenhuma influência positiva sobre o aluno. Diante do exposto, Pozzobon; Mahendra; Marin (2017) destacam que o termo fracasso escolar:

[...] tem sido questionado, uma vez que pode trazer conotações pejorativas aos alunos, causando prejuízos sobre seu desempenho acadêmico e social ao longo da vida [...] Estudos recentes ainda revelam o predomínio da tendência à culpabilização dos alunos (POZZOBON; MAHENDRA; MARIN, 2017, p. 9).

Nas décadas de 60 e 70, persistiam, no Brasil, porém, os pontos de estrangulamento do ensino com grandes índices de repetência e de “repetência branca”, aquela que era camuflada em evasão, impossibilitando o atendimento pleno ao longo da escolarização. Alguns estados como, Pernambuco, São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina fizeram uma flexibilização da organização curricular.

Neste contexto, os ciclos escolares foram propostos como inovação pelos estados, porém alguns de seus pressupostos, que são defendidos, são de regularizar o fluxo de alunos ao longo da escolarização, visando eliminar e/ou limitar a repetência. Cada proposta definiu o problema à sua maneira, em virtude do ideal pedagógico e das urgências sociais do contexto educacional existente da época. Pozzobon; Mahendra; Marin (2017) abordam que devemos ter:

[...] atenção à possibilidade de o termo fracasso escolar conduzir à exclusão social, uma vez que abala moralmente o indivíduo a quem o termo é atribuído. De forma semelhante, [...] destacou a associação desse termo com indicativos de exclusão escolar e social, frisando que a escola tem se orientado equivocadamente através de uma ótica da progressão *versus* exclusão, sem considerar as individualidades (POZZOBON; MAHENDRA; MARIN, 2017, p. 9).

Vale destacar que o desafio é a urgência de passar da universalização das oportunidades de acesso à permanência do aluno na escola, garantindo uma efetiva aprendizagem e uma educação de qualidade. Em relação aos ciclos, estes são períodos de escolarização que ultrapassam as séries anuais, porém organizados em blocos com duração variável, podendo atingir um determinado nível de ensino.

O sistema de ciclos é uma tentativa de superar a grande fragmentação do currículo decorrente do regime seriado no processo de escolarização. Porém, a ordenação do tempo escolar gira em torno de unidades escolares maiores e mais flexíveis, almejando o favorecimento do trabalho com os alunos de diferentes procedências e de diferentes estilos de aprendizagem, assegurando, tanto o professor quanto a escola não perder de vista as exigências para o trabalho da educação nesse período. Alves (2013) aborda que:

Os ciclos têm como objetivo superar a segmentação da seriação, pois surgem como alternativa para romper com a fragmentação do currículo escolar, que não tem respeitado os tempos e os espaços necessários à aprendizagem efetiva das crianças e dos adolescentes (ALVES, 2013, p.90).

Portanto, este regime vem acompanhado de outras proposições relacionadas à organização dos sistemas escolares articulada com a concepção de educação obrigatória, concepção de currículo, de conhecimento e de teoria de aprendizagem, fundamentando o ciclo, o processo de avaliação, o reforço, a recuperação e a composição de turmas, bem como novas formas de se ordenar os tempos e espaços escolares que envolvem os diferentes atores sociais inseridos. Sendo os principais fatores que devem ser levados em consideração para melhor compreensão da proposta de ciclos escolares.

Esta proposta tem alcançado muitos adeptos que são responsáveis pela circulação desse ideal pedagógico. Magalhães e Soares (2016) abordam que:

A evidente necessidade de estreitarmos relação com o currículo escolar não é nova, afinal os pesquisadores tendem a interrogar "sobre a organização do trabalho na escola: definição dos espaços e dos tempos letivos,

agrupamento dos alunos e das disciplinas, modalidades de ligação à 'vida ativa', gestão dos ciclos de aprendizagem, etc" (MAGALHÃES; SOARES, 2016, p.3)

Prosseguindo, temos os ciclos de alfabetização na transição democrática, que na década de 80, período de transição do regime autoritário para o Estado de Direito, tivemos inúmeros governos estaduais das regiões Sudeste e Sul, que buscaram se empenhar em resgatar a dívida pública, devido o regime militar em que a população ficou impedida dos benefícios do desenvolvimento econômico e das políticas educacionais e buscaram reestruturar os sistemas escolares em vista da sua redemocratização.

Esse período deu ênfase à função social da escola, indo além da formulação original do conceito de ciclo, não sendo apenas uma medida de experimentação, mas deveriam ser generalizadas desde que comprovado o sucesso em situação de controle. Neste sentido, os primeiros estados a instituírem o ciclo básico foram São Paulo, Minas Gerais e Paraná, com as antigas 1<sup>as</sup> e 2<sup>as</sup> séries do antigo 1º grau, hoje Ensino Fundamental I.

Eles tiveram como medida inicial a reorganização da escola pública, visando a diminuição da distância entre o desempenho dos alunos das diferentes camadas da população, assegurando-lhes o direito à escolaridade. Para isto, buscaram encontrar uma forma de fazer com que a unidade de ensino funcionasse para resolver o estrangulamento das matrículas nas séries/anos iniciais e não tentar seriação do ensino de 1º grau como um todo.

A justificativa foi motivo político e educacional, teve implicações administrativas, organizacionais e pedagógicas, que veio a eliminar a avaliação com fins de promoção ou retenção do aluno ao final do 1º (primeiro) ano, visando assegurar a flexibilidade no tratamento do currículo.

Vale ressaltar que se foram usados, na proposta, os mesmos argumentos das décadas passadas, com objetivo de proporcionar um atendimento mais adequado aos alunos pertencentes a uma clientela diversificada, do ponto de vista social, cultural e econômico.

### 2.3 ANÁLISE DA PROGRESSÃO DA PROGRESSÃO CONTINUADA

A proposta, citada no subcapítulo anterior, fazia uma reflexão à segmentação

artificial do currículo, de maneira estanque, em séries e assegurava a progressão dos alunos que avançavam no processo de alfabetização da 1ª série, tinham que retornar à estaca zero com a repetência, o que foi considerado desrespeito da escola, pelo que eles já haviam aprendido. Essa ideia não deixou clara a possibilidade de se aceitar os desempenhos escolares diferenciados, ao final da escolaridade básica.

Na verdade, o regime de ciclos introduzido no país teve a tendência de ser uma medida intermediária entre o regime seriado e o regime de progressão continuada. Assim, ao final de cada ciclo, espera-se que todos os alunos tenham manifestações de certas atitudes, bem como aquisição de habilidades e domínio de conhecimentos básicos em níveis semelhantes. Silva (2013) também explana que:

A progressão continuada é uma forma de organização escolar, presente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9394/1996), no parágrafo 1º, do inciso IV do art. 32. Nessa há a tentativa de racionalização do currículo escolar, objetivando a diminuição da reprovação e evasão escolar dos alunos (SILVA, 2013, p.90).

Diante do exposto, isso ficou nítido, visto que a pretensão da reforma era de não ser menos exigentes em relação ao domínio dos conteúdos prescritos; propondo apenas a flexibilização do tempo e da organização da escola para oportunizar adequadamente os alunos a aprenderem as mesmas coisas. A urgência maior era trabalhar os anos iniciais, porque a alfabetização é um processo complexo e demorado e alguns alunos precisam de mais tempo do que outros.

Nos anos 90, as escolas brasileiras viveram a crise de paradigmas que emergiu das transformações sociais, políticas e tecnológicas das últimas décadas em que se questionou a visão de mundo, da natureza da ciência e das concepções de conhecimento, o fenômeno da globalização reduzindo fronteiras, padronizando condutas, modos de se viver, consumo, reivindicações dos direitos, responsabilidades da esfera central do poder público, e também dos poderes constituídos no âmbito econômico, sociocultural, bem como nas relações de gênero, nos meios de comunicação, no nível regional e local.

Diante de tudo isso, prevaleceu a ideia do conhecimento em rede nas sociedades contemporâneas e o papel da escola deixa de ser somente de transmissão do conhecimento, passa a ser de transformadora e facilitadora para que o aluno maneje as informações. Ao mesmo tempo, ela passa a ser entendida como

espaço privilegiado de construção de identidades, do cultivo da cidadania e valores de convivência, aspirando à melhoria da qualidade de vida.

No campo da aprendizagem, ficou claro que o ser humano aprende em todos os momentos da sua vida e não somente na escola, onde ele permanece por um período limitado de tempo.

Nesta perspectiva, cai por terra a teoria da organização de um currículo que tinha como princípio o domínio de cada matéria como requisito para a mobilidade dentro do sistema de ensino. Porém, a concepção do conhecimento em rede contribuiu para revirar a hierarquia dos tempos escolares, que sempre serviu para reprovação, e a partir daí, a escola e os professores passam a construir e desconstruir o currículo escolar. Magalhães e Soares (2016) abordam que:

[...] o currículo escolar é um importante elemento na tentativa de potencializar mudanças nas práticas pedagógicas sem particularizar, excessivamente, as especificidades que acompanham o debate [...]. Pensar currículo em escola que acolha tais estudantes significa construir propostas curriculares menos rígidas e atentas às demandas de todos os estudantes (SOARES, 2016, p.2).

Nesta perspectiva, o currículo escolar passou a ser repensado a partir de princípios ordenadores, e não das disciplinas escolares, visando a construção de uma escola popular e democrática, por meio da integração dos conteúdos, fundamentada nas experiências socioculturais dos alunos e teve as séries substituídas por ciclos, abrangendo todo o Ensino Fundamental, visando um novo modo de operacionalizar a escola, para que seja capaz de romper a lógica da exclusão social e cultural dos seus alunos. Tudo através de um trabalho coletivo, em que nas propostas os professores se apropriassem de forma ativa e participativa da sua própria construção e implementação. É importante não confundir a progressão continuada com “aprovação automática”, a qual vem sendo debatida, desde o início dos anos 1980.

Prosseguindo, tivemos, nos anos de 1992 a 1994, o Regimento Comum das Escolas Municipais reorganizando todo o Ensino Fundamental em três ciclos, de forma que o inicial passou a compreender os três primeiros anos letivos; o intermediário, os três seguintes e o ciclo final, passou a compreender as antigas 7<sup>as</sup> e 8<sup>as</sup> séries, objetivando o enfrentamento do fracasso escolar, contemplando, de um lado, o trabalho com as especificidades de cada aluno e; de outro, a organização

com coerência e continuidade da aprendizagem partindo da perspectiva interdisciplinar, integrando os professores.

Primou-se, também, pela adequação às faixas de idade e às características de aprendizagem dos alunos. Para tanto, como não teve prescrição oficial a ser seguida, o currículo foi reinventado em cada escola, em que a avaliação passou a ter foco como diagnóstico, sendo atribuída aos processos de ensino e não mais aos produtos da aprendizagem.

Assim, tivemos o panorama das escolas sob o regime de ciclos, mas, apesar de nos anos 60 ter sido admitido a título de experiência pedagógica e estando previsto na Lei 5.692/71, o regime de ciclos manifestou uma tendência crescente de expansão, principalmente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN/9.394/96 (BRASIL, 1996) que flexibilizou, porque em seu Art. 23, reitera os ciclos como uma das formas alternativas de organização da escola e também dá suporte à orientação das políticas da área, neste sentido, e teve também os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que incidiram sobre essa questão, que adotou visando tornar possível a distribuição, de forma mais adequada, dos conteúdos em relação à natureza do processo de aprendizagem dos alunos.

Autores afirmam que os ciclos passaram a ser mais valorizados como resposta ao fracasso e à exclusão escolar, pois na perspectiva da sociedade do conhecimento, que permeia a orientação das reformas na área, é de fundamental importância que sejam dadas condições amplas às populações para que desenvolvam habilidades intelectuais mais complexas, de forma que sejam capazes de processar múltiplas informações e também de se organizarem nas relações sociais, de trabalho, de forma cooperativa e mais autônomas.

Vale ressaltar que o Plano Nacional de Educação, Lei Federal 10.172 de janeiro de 2000, fortaleceu a alternativa dos ciclos escolares, pois ele propõe, entre seus objetivos, elevar, de forma geral, o nível de escolaridade da população e a redução das desigualdades sociais e regionais, referentes ao acesso e à permanência dos alunos com sucesso nas escolas.

Assim, temos muitos intelectuais contemporâneos das universidades do país, adeptos à fundamentação dos sistemas de progressão continuada e do regime de ciclos escolares como forma de organização da escola, pois ela é um procedimento utilizado que permite ao aluno, na escola, ter sucessivos avanços e sem interrupções nas séries, ciclos ou fases. Mas há autores que defendem o cuidado

para que não haja a falta de aprendizagem, para que não empobreça o ensino público em que o aluno deve realmente aprender sem repetir, que ele não possa avançar sem aprender. Tudo isso, para que se consiga realmente possibilitar o combate à evasão escolar, bem como à distorção idade/série e também a prevenção da repetência nas redes de educação de estados e municípios.

Para isso, é muito importante que se tenha, como alternativas, a centralização, o processo de ensino voltado totalmente para a aprendizagem do aluno e que se busque o envolvimento de toda a escola. Para isso, é preciso que se promova a capacitação continuada dos docentes, que se organizem os processos avaliativos e os laboratórios de aprendizagem, em busca de uma proximidade com a família, para que conquiste o apoio dos pais e da comunidade em que a escola está inserida, bem como promover eventos motivadores.

Hoje, com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a progressão está relacionada entre competências gerais que se desdobram em competências e habilidades, as quais os alunos devem desenvolver no decorrer de toda a Educação Básica, isto é, ao longo dos anos, bem como do currículo, com competências específicas de área e componente curricular.

Diante do exposto, no cotidiano escolar, esta diversidade de interpretação fomentada, discussões e estudos polêmicos sobre a progressão, pois tem aqueles que acreditam e defendem essa prática, porque acreditam que tanto a reprovação quanto a repetência podem desestimular o aluno, porque convive com outros de idade diferente e, com isso, não segue os estudos, o que pode potencializar o abandono e a evasão escolar. Segundo Bett e Lemes “A evasão escolar é uma violação de direitos, o que justifica a aplicação das medidas protetivas ou aquelas aplicáveis aos pais ou responsáveis” (BETT; LEMES, 2020, p.10)

Entretanto, há aqueles que não defendem a progressão continuada, pois acreditam que da forma como se efetiva nas escolas atropela todo o processo de aprendizagem dos alunos e, ainda, os aprova de forma automática, não garantindo seu aprendizado. Porém, é uma prática recente, este tipo de organização, portanto, ela precisa se adequar a cada realidade, partindo da autonomia das redes de educação e também da própria escola

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada dentro de uma vertente qualitativa, primando por um estudo aprofundado de uma dada realidade da educação no enfoque da avaliação da progressão continuada, tendo em vista os fatos que ocorrem e todos os envolvidos neste processo. Segundo os autores Leite, Silva e Martins (2018):

A pesquisa qualitativa busca compreender os fenômenos e não simplesmente explicá-los [...] compete ao pesquisador saber explorar as possibilidades da pesquisa qualitativa em sua investigação, [...] neste sentido, a análise qualitativa deve dar conta do que se pretende investigar (LEITE, SILVA E MARTINS, 2018, p. 44)

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola da sede do município de Presidente Kennedy-ES, que oferece Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos do 1º e 2º segmentos. Ela foi construída no ano de 2004, pelo ato de criação N°757/ 07, de 11 de dezembro de 2007. Atualmente, atende 850 alunos, nos turnos matutino, vespertino e noturno, possui 59 professores, dos quais 08 trabalham nas séries iniciais com o regime de progressão continuada. A escolha desta escola refere-se ao fato de que uma das pesquisadoras faz parte do seu corpo docente.

No primeiro momento, foi enviada uma carta-convite da Faculdade Vale do Cricaré (FVC) à diretora da escola, solicitando autorização para a realização da pesquisa junto aos professores. Posteriormente, foi enviado o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da FVC para obtenção da autorização para realização da pesquisa de campo.

No segundo momento, após a autorização do referido Comitê, convidamos os 8 (oito) professores da referida escola para participarem do estudo. Os critérios de inclusão foram: a) professores que atuam do 1º ao 3º ano. Esses anos se justificam, pois, no 1º ano, o professor tem contato com alunos que porventura tenham sido promovidos pela progressão continuada no Pré II. Já no 3º, os professores também têm contato com alunos que anteriormente, no 2º ano, não ficaram retidos.

Esta informação é importante destacar, pois, hoje, temos a BNCC que sinaliza que a progressão continuada deve ser realizada entre o Pré II ao 2º ano. b)

aceitarem participar da pesquisa. Os critérios para exclusão referem-se à própria indicação dos professores quanto à sua falta de disponibilidade em participar da pesquisa. Os que aceitaram participar da pesquisa receberam via e-mail um termo de consentimento no qual o entrevistado aceita participar da pesquisa.

O instrumento para a produção das fontes foi um roteiro (Apêndice A), utilizado na estratégia de Roda de Conversa com os professores, constituído de perguntas abertas. Ele “[...] é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas” (OLIVEIRA et al, 2016, p. 11). Em virtude da pandemia da COVID-19, foi realizado um contato com cada professora, por telefone e *watsapp* convidando-as a participarem. Sabemos que a pandemia é causada pelo: “Sars-CoV-2, o novo coronavírus, [...]”. Nem uma outra enfermidade transmissível viral produziu tamanho número de casos e óbitos, em tão curto espaço de tempo, nos últimos 100 anos da história [...]” (BUSS; ALCAZAR; GALVÃO, 2020, p.5).

Por esta razão, a pandemia tem exigido intervenções, como o distanciamento estabelecido mundialmente, em virtude da alta transmissibilidade viral, além da inexistência de vacinas e de medicamentos antivirais específicos para sua prevenção e tratamento. Desta forma, foi estabelecida a suspensão das aulas presenciais e, por isso, as atividades remotas são estratégias para qual o ensino se adequou.

Os alunos têm assistido videoaulas pelos grupos de *wahtsapp* de pais e realizado atividades semanais, além de apostilas e atividades no livro integrado do sistema aprende Brasil. As atividades realizadas pelos alunos são recolhidas e avaliadas pelo professor regente e de áreas específicas.

Mediante a isso, e de acordo com Martins e Almeida (2020, p.216):

Com a necessidade do distanciamento social para diminuir a transmissão do novo Coronavírus, instituições educacionais precisaram suspender as aulas presenciais e [...] processos educativos por meio do ensino remoto ou não presencial.

Diante do exposto, tivemos 6 (seis) professores que participaram da pesquisa. Em respeito e por questão ética, cada uma delas recebeu uma letra do nosso alfabeto para manter o anonimato, então tivemos: Professora A, B, C, D, E, F. Elas possuem as seguintes características: Professora A é Graduada em Pedagogia, com especialização em Psicopedagogia. Professora B é licenciada em Pedagogia plena,

especializada em Gestão Escolar com habilitação em Administração, Supervisão, Inspeção Escolar, Coordenação Escolar, Orientação Educacional e em Educação Especial.

Em relação á formação acadêmica das professoras, temos: A Professora C é formada em Pedagogia para as Séries Iniciais com Especialização em: Educação Inclusiva, Coordenação e Gestão Escolar e também possui graduação em História com especialização também em Direitos Humanos. A Professora D é graduada em Pedagogia com habilitação nas Series Iniciais, pós-graduada em Gestão Escolar e Educação Especial.

A Professora E possui graduação em Pedagogia e a Professora F possui licenciatura em Pedagogia, Pós em Educação Especial e Inclusiva; Alfabetização e Letramento.

Em relação ao tempo de serviço e turmas que elas atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, temos que: a Professora A, possui 27 anos de atuação no magistério, sendo que são 4(quatro) anos com turma de 3º ano. A Professora B, D e F possuem 2 anos no magistério e atuam no 1º ano; a Professora C possui 23 anos de magistério e atua no 2º ano; e a Professora E trabalha há 14 anos.

Devido à Pandemia da Covid-19, as entrevistas ocorreram através de rodas de conversa online realizadas em 2 (dois) momentos, através do link da Zoom, ID da reunião: 506 593 7755 Senha de acesso: u57pEn, pois:

Inicia o ano de 2020 e um distanciamento social é forçado pela presença de um vírus letal que se espalha traiçoeiramente no mundo todo. [...] Com a necessidade do distanciamento social para diminuir a transmissão do novo Coronavírus, instituições educacionais precisaram suspender as aulas presenciais e grande parte das instituições de ensino deu continuidade aos processos educativos por meio do ensino remoto ou não presencial. (MARTINS; ALMEIDA, 2020, p. 216).

As rodas de conversa oportunizaram diálogos e também interações entre as professoras; além de estimular reflexões sobre os desafios para a progressão continuada nos anos iniciais. De acordo com Guarda *et al* (2017, p.12.889):

[...] a **roda de conversa** como instrumento metodológico, pois a mesma abre espaço para que os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem estabelecem um espaço de diálogos e interações no contexto escolar, ampliando suas percepções sobre si e sobre o outro, em um movimento de alteridade e compreensão sobre a voz do outro em seu contínuo espaço de tempo.

No 1º (primeiro) momento, agradecemos às presenças, bem como a adesão das mesmas na pesquisa, fez-se uma explanação do objetivo da Roda de Conversa como estratégia para discutir a respeito dos desafios da progressão continuada nos anos iniciais, seus pontos positivos, suas dificuldades cotidianas, bem como as formas de enfrentá-las, reflexões e quais as possíveis ações que possam contribuir para a melhoria do trabalho pedagógico.

Nela, os temas discutidos seguiram o roteiro do questionário, que possibilitou observar os pontos de vistas, as dificuldades e as potencialidades de cada professora, em relação à progressão continuada nos anos iniciais.

Dentre as vantagens[...] como técnica de coleta de dados, vale destacar a obtenção de grande número de dados, atinge um maior número de pessoas simultaneamente, maior abrangência geográfica, obtenção de respostas mais precisas e com maior liberdade em razão do anonimato, maior segurança pela ausência de identificação, menor risco de distorção em razão da falta de influência do pesquisador, em decorrência da natureza impessoal do instrumento resultará mais uniformidade na avaliação [...] (ANDRADE; MORAES, 2017, p. 179)

Esta ideia possibilitou a pesquisadora fazer algumas intervenções na referida problemática educacional e social em parceria com as professoras participantes.

### 3.2 ELABORAÇÃO DO PRODUTO FINAL

Elaboramos, como Produto Final, uma Formação Continuada com ações para enriquecimento do fazer cotidiano escolar, promovendo, estudos, reflexões e discussões, sobre Progressão Continuada, de maneira fundamentada, bem como suportes materiais para enriquecimento de suas práticas pedagógicas, potencializando seus saberes e fazeres docentes, de forma que favoreça o crescimento da aprendizagem dos alunos com maior qualidade e equidade.

Para tal, partimos do princípio que a formação continuada oportunizará aos professores do município de Presidente Kennedy-ES, buscar a relação entre o pensar e o fazer no decorrer da Progressão Continuada nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pois de acordo com Brasil (2002, p. 70):

[...] a formação continuada deve propiciar atualizações, aprofundamento das temáticas educacionais e apoiar-se numa reflexão sobre a prática educativa, promovendo um processo constante de auto avaliação que oriente a construção contínua de competências profissionais. Porém, um

processo de reflexão exige predisposição a um questionamento crítico da intervenção educativa uma análise da prática perspectiva de seus pressupostos. Isso supõe que a formação continuada se estenda às capacidades e atitudes e problematize os valores e as concepções de cada professor e da equipe.

Neste contexto, estaremos incentivando-os a apropriação coletiva do conhecimento pedagógico, trocas de experiências e seu aperfeiçoamento para uma alfabetização e letramento com mais qualidade e participação dos seus alunos, pois à medida que os professores compreendem melhor o seu papel neste processo, podem atuar com mais clareza na sua prática pedagógica, nos anos iniciais, com uma visão transformadora, reflexiva, contribuindo significativamente com o processo de ensino-aprendizagem.

Esta formação ocorreu por videoconferência, em dias e horários marcados antecipadamente e a disponibilização do link para acesso da mesma. Esta estratégia é em virtude do momento desafiador que estamos passando com a pandemia da Covid-19, que mudou drasticamente e repentinamente a nossa rotina, sendo exigido reinventar situações para minimizem as dificuldades de comunicação e dão continuidade à pesquisa e conseqüentemente para incentivá-los a lidar com estes novos tempos e com essa nova maneira de conceber a aprendizagem via tecnologia. Em relação a este momento, Fabris; Pozzobon (2020, p. 234-235) afirmam que:

Outra preocupação está em como pensar na docência em tempos de pandemia [...]queremos apontar algumas estratégias que podem ajudar a pensar a formação de professores e à docência neste novo momento, [...]. Com isso, vamos poder manter a pesquisa atrelada à sociedade, produzindo efeitos de formação nas comunidades. A qualidade advinda desse processo vai atingir a pesquisa e o ensino, mas o que mais queremos frisar é que, neste momento, a relação com as redes de ensino deve acontecer.

Para tanto, serão contemplados pontos essenciais na construção de entendimento dos professores sobre os processos de alfabetização e letramento realizados nos anos iniciais do Ensino Fundamental, através da Progressão Continuada no município de Presidente Kennedy-ES, visando contemplar também os aspectos de tendências tecnológicas e de metodologias ativas. Assim, acreditamos que:

Essa formação de professores para o nosso tempo pode ser desenvolvida pela arteficialidade, que não é apenas fazer mais lento, mas fazer com qualidade, envolver-se como que se faz, engajar-se com o trabalho e com a

formação. Ponderamos que são novos caminhos a trilhar. Precisamos dar as mãos para a comunidade, para as experiências culturais que podem e devem fazer parte, cada vez mais, do currículo escolar pós pandemia [...]. (FABRIS; POZZOBON, 2020, p. 235).

Foi feita uma seleção de textos de alguns autores que abordam sobre Progressão Continuada, como Bertagna (2010), Duarte (2013), Viégas (2015), Alfabetização e letramento enfatizados pelos teóricos: Soares (2004), Freitas (2015), Barbosa (2016) e Souza;Sousa;Scaff (2018) além de avaliação escolar, fundamentando-se em Luckesi (2002), Esteban (2008), Loguercio (2016), Silva (2017), Sales (2018) visando uma aprendizagem significativa.

Foram elaboradas sugestões de atividades práticas aplicáveis no processo de alfabetização e letramento na Progressão Continuada. Foi, também, enfatizado através de atividades práticas, ao processo de avaliação possíveis de serem aplicadas em sala de aula, para, assim, auxiliar de fato no dia a dia nos anos iniciais, buscando, com isso, atender às fragilidades apresentadas por eles nas respostas ao questionário. Segundo Melo e Santos (2020, p. 102):

[...] a formação continuada é exigência da atividade profissional no mundo atual, esta deve ter como referência a prática docente e o conhecimento teórico não apenas a oferta de cursos de atualização ou treinamento, pois para ser uma formação continuada deve integrar-se no dia a dia da escola, sendo um componente essencial da profissionalização docente.

Vale ressaltar que o ponto de partida é trazer todo um referencial que seja coerente com os princípios norteadores do trabalho, com a formação de professores, com momentos diversificados com 2 (dois) encontros semanais sendo o 1º (primeiro) com estudos com atividades em grupos e/ou individuais e o 2º (segundo) com roda de conversa com relatos e trocas de experiências da temática abordada anteriormente

Tudo isso, tendo em vista a necessidade de renovação dos conhecimentos e enriquecimento das práticas pedagógicas, para que possa atender as transformações sociais, garantindo uma educação de qualidade, porque a escola que almejamos deve favorecer à população acesso à cidadania, capacitando nossos alunos a defender seus sonhos, desejos, lutar contra injustiças sociais e incrementando propostas de aprendizagem inovadoras. Com elaboração de ações práticas para auxiliar e contribuir, de forma significativa no processo de ensino- aprendizagem dos alu-

nos da Progressão Continuada. De acordo com Franco (2015, p.601), faz a seguinte abordagem:

[...] a consideração de que as práticas pedagógicas se configuram na mediação com o outro, ou com os outros, e é esse outro que oferece às práticas seu espaço de possibilidade. [...] que pode esclarecer e indicar reflexões [...]da pesquisa – ação pedagógica como instrumento de mediação.

Vale ressaltar que foi feita uma seleção de orientações que envolveram ações, textos e atividades lúdicas que permearam a formulação das orientações que compõem esse material, que baseado na pesquisa científica disponibiliza contribuições para enriquecimento da prática dos referidos professores da escola, sendo uma proposta de formação que deve ser realizada de forma contínua e potencial.

## 4 ANALISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Iniciamos nossa conversa, cumprimentando-as, agradecendo pela presença e convidando a todas para uma roda de apresentações, abordando seus nomes, suas formações e em que turma atuam. Foi possível perceber que somente 1 (uma) professora não possui Pós-graduação, portanto, hoje, mais do que nunca, é de suma importância a questão da formação de professores de educação básica, frente aos diversos desafios, dentre eles a Progressão Continuada para que se consiga alcançar as transformações políticas, econômicas e sociais em nossa sociedade contemporânea. Rodrigues (2015, p. 39774) afirma que o:

[...] exercício profissional e um perfil ampliado de formação que submete o(a) futuro(a) egresso(a) a uma expectativa potencialmente frustrante de atuação em vários campos da docência, na gestão e na pesquisa. Ainda, reafirma-se a hipótese de que [...] está estreitamente ligada à sua definição enquanto campo de conhecimento e de investigação e de que é necessário avançar na definição do campo epistemológico da Pedagogia[...]. Dessa forma, pretende-se contribuir para a produção de conhecimentos sobre os processos de (re)construção[...] para que possa servir de subsídio a futuros(as) pesquisadores(as) que se dedicam aos estudos sobre formação de professores e pedagogos nas políticas oficiais atuais

Em relação a qual segmento e turma elas trabalham, de acordo com as suas colocações, foi possível perceber que o grupo de professoras tem 50% de profissionais ainda inexperientes atuando na Progressão Continuada, que precisam de trocar experiências com as demais. Melo; Coutinho (2020, p.17) afirmam que:

Os saberes inerentes a essas práticas se caracterizam por ser um momento de aprendizagem [...], se concretizando através das trocas de experiências entre professores regentes, [...] bem como, os alunos e o ambiente escolar. A partir de práticas mais dinâmicas, reconheço que as oportunidades formativas de reuniões pedagógicas, servem para aperfeiçoar as práticas pedagógicas dos professores tendo assim uma nova visão sobre o fazer docente [...].

### 4.1 OLHAR DAS PROFESSORAS SOBRE CURRÍCULO

Dando continuidade, a pesquisadora convidou a todas para uma roda de conversa sobre currículo e Progressão Continuada, lembrando que é muito importante que se sentissem à vontade para abordar o que entendiam sobre o assunto, emitir seus pareceres, discutirmos e refletirmos sobre o mesmo. A

Professora A, abordou que currículo é “o norteador de todo processo educacional. Orienta e rege o fazer do professor, direcionando aquilo que o aluno vai aprender.” A Professora C enfatizou que “Currículo é a o ato de organizar conhecimentos e criar estratégias de acordo com a necessidade de cada indivíduo preservando suas origens.” A Professora E explanou que currículo “é o grande norteador de todo o processo educacional de uma escola.” Tivemos a Professora B abordou que:

O currículo no âmbito escolar é o grande norteador de todo o processo educacional de uma escola, representa, então, a proposta de organização de uma trajetória de escolarização, envolvendo conteúdos estudados, atividades realizadas, competências desenvolvidas, com vistas ao desenvolvimento pleno do estudante. Ajuda com que todos os profissionais estejam todos alinhados em seus conteúdos.

Tivemos a seguinte colocação da Professora D: “Entendo que currículo é o que orienta as ações a ser praticadas no meio escolar.” E a Professora F afirmou que:

O currículo é uma ferramenta que traz para o professor um rumo a ser seguido, ele não pode ser algo fixo, tem que ser maleável, flexível, podendo sempre se adaptar e articular junto ao desenvolvimento da turma, por exemplo. O currículo deve orientar as práticas pedagógicas, bem como, evidenciar o cotidiano escolar, levando em consideração as necessidades e condições dos estudantes, suas experiências de vida e também a cultura em que a comunidade local está inserida.

Essas respostas nos possibilitaram perceber o que muitas delas entendem como currículo e outras precisam enriquecer suas visões, o que contribuirá para o enriquecimento do grupo de profissionais. Duarte (2013, p. 122) afirma que:

Como espaço de estudo e análise do cotidiano das práticas das salas de aula, das práticas pedagógicas que envolvem a escola e a rede de ensino e, a partir daí, de planejamento e propostas de ações para o conjunto da rede. Trata-se de uma dinâmica circular, não havendo uma escala hierárquica das instâncias e das decisões. As análises e estudos realizados pelo Núcleo partem do cotidiano das práticas desenvolvidas pelos professores nas unidades escolares; essas práticas são sistematizadas com base em teorias que as legitimam ou as promovem.

Prosseguindo na nossa roda de conversa, as professoras foram convidadas para partilharem como são organizados os conteúdos da proposta curricular em sua escola. A Professora D explanou que é organizada pela Equipe Pedagógica da Secretaria de Educação do município. A Professora B, explicou que os conteúdos da

proposta curricular são feitos sob a orientação da SEME, em que, eles organizam de uma maneira geral e enviam aos docentes, e cada um adapta à realidade de sua turma.

A Professora E abordou que é organizada de forma participativa, é organizado com todos os professores e pedagogo, sendo objetivo de orientar as ações dos professores em diferentes níveis. Segundo a Professora A, “os conteúdos do currículo são unificados no município, alinhados pela SEME e encaminhados para escola.” A Professora C explicou que os conteúdos são organizados através de Projeto Político Pedagógico, Plano de Ação da Escola, Proposta Pedagógica Curricular, Plano de Trabalho Docente e Plano de Aula.

A Professora F explicou que “os conteúdos são alinhados pela SEME, com essa proposta, durante o período, utilizamos esse documento como norteador das nossas ações e, juntamente com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traçamos as competências e habilidades que vamos garantir ao aluno, de determinada série, com os conteúdos sugeridos.” Conforme o período, surgindo necessidade de adaptação, alguns conteúdos são somados para garantir que o aluno tenha o conhecimento mínimo esperado.

É possível perceber que agora, mais do que nunca, há uma necessidade de que todos os professores de inteirem da gestão da sala de aula, BNCC e práticas pedagógicas para que possam alcançar bons resultados na aprendizagem dos alunos, buscando mediar conflitos, tirar suas dúvidas e conseqüentemente terem possibilidades de avançar nas suas carreiras.

A pesquisadora convidou a todas a explanarem se o currículo da sua escola corresponde também às escolhas e estratégias desenvolvidas pelos professores em dado contexto de ensino e aprendizagem. A Professora E disse que sim. A Professora F disse que sim, “pois é através dele que traçamos as estratégias a serem usadas, uma vez que com o currículo em mãos podemos desenvolver meios para facilitar o processo de ensino, elaborando e organizando melhor as práticas a serem desenvolvidas”. A Professora B, abordou que na maioria das vezes sim, “porém como já foi dito, adaptamos as estratégias conforme a realidade da turma”.

A Professora D enfatizou que sim, pois, segundo ela, o currículo corresponde sim às estratégias desenvolvidas, porém o professor vai adequando conforme a realidade da classe. A Professora C, partilhou que sim, afirmando que o professor é peça importantíssima no desenvolvimento curricular, pois são agentes

transformadores e organizadores dos trabalhos escolares. Cabe a ele todo o passo a passo estratégico para que o aluno possa seguir os comandos curriculares. E a Professora A disse que sim, e que são voltadas às novas práticas pedagógicas, à influência tecnológica e às metodologias adaptadas.

#### 4.2 OLHAR DAS PROFESSORAS SOBRE A PROGRESSÃO CONTINUADA

A pesquisadora perguntou “o que elas percebem na Progressão Continuada?” A Professora B abordou que a progressão continuada é uma das formas do ensino básico, pressupondo que o aluno deve adquirir competências e aptidões em mais de um ciclo (um ano ou uma série). Neste sistema não há reprovação, mas sim recuperação através de aulas de reforço. A Professora D disse que percebe que muitas das vezes ela é confundida com uma aprovação automática. Então, algumas mudanças a escola têm que realizar, conforme sua realidade.

A Professora C colocou que percebe que com a progressão continuada o aluno vai desenvolvendo suas competências e habilidades de forma gradativa e alinhada ao desenvolvimento, de acordo com seu tempo. E, muitas das vezes, não consegue apropriar-se do conhecimento dentro de um período necessário. A Professora A disse que por ser um sistema que teve o objetivo de eliminar a reprovação nos anos iniciais, exige de todo sistema educacional, uma vez que o regime de ciclos e promoção automática foca na ação do ensino voltado às habilidades e competência dos alunos.

A Professora F abordou que a progressão continuada é um modo de avançar os alunos em determinados ciclos, sem a avaliação atribuída por nota. Ela é importante e, dentre os pontos positivos, podemos citar o vínculo afetivo criado entre professor/aluno, o que gera no discente um estímulo satisfatório, já que a escola não seria vista como algo “novo”, evitando, até mesmo, o fracasso escolar, garantindo a sua permanência na escola. E a Professora E, enfatizou que percebe a questão da avaliação como um processo contínuo e não pontual, que tem por objetivo diagnosticar tanto os progressos dos alunos, como as dificuldades e defasagens e, assim, a partir de uma reflexão conjunta entre professores e alunos sobre os resultados obtidos, buscar novos caminhos.

Prosseguindo a roda conversa, a pesquisadora perguntou às professoras se elas consideram importante o professor acompanhar a turma, na Progressão

Continuada. E, depois, justificar sua resposta. A Professora C disse que sim, porque é importantíssimo, pois ambos terão a oportunidade de dar continuidade ao trabalho em desenvolvimento, que precisa ser concluído com êxito. A Professora B, colocou que até o 2<sup>o</sup> ano concorda que o professor possa acompanhar, mas nas séries subsequentes, acredita que deve mudar o docente para que o aluno possa ter outras experiências em seu modo afetivo.

A Professora A abordou que sim, justificando que o ponto positivo é que o professor estará dando segmento ao aprendizado do aluno, visto que já conhece o seu perfil. Como há vínculo de afetividade e confiança entre os alunos e professor favorece essa continuação. A Professora F foi bem enfática dizendo que “Claro”, pois é muito importante o reforço dos vínculos, tanto do professor com o aluno, mas também como do professor com a família deste, que é algo tão importante quanto o processo de ensino-aprendizagem.

A Professora D colocou que, muitas vezes, o professor acompanhando a turma pode haver misturas de sentimentos com o lado materno, principalmente por parte do aluno, então ela considera que a docente tenha que realizar a autoavaliação dos alunos e estar expondo em fichas descritivas para que o próximo professor esteja ciente do desenvolvimento de cada aluno. A Professora F disse que sim e justificou dizendo que se deve levar em conta, neste processo, o importante papel do professor, com seus saberes, práticas e atuações. É elemento ativo nas mudanças e não objeto delas; cabe, portanto, a ele, aplicar os conceitos teóricos na sala de aula.

Para encerrar essa primeira roda de conversa, a pesquisadora questionou se elas achavam que sobre a Progressão Continuada, a participação dos pais nos estudos e na educação dos filhos interfere no desempenho escolar. Professora B disse que com certeza sim. A Professora F disse que com certeza sim, mas tem dificuldades. A Professora C abordou que sim, pois a influência da família é o maior incentivo que um filho pode ter, porém poucas participam. A família tem um papel muito importante no desenvolvimento do aluno, cabe a ela fazê-lo usando a melhor forma possível.

A Professora D disse que claro, porque a participação da família é muito importante para a evolução do ciclo escolar do educando. A Professora E, disse que não. A Professora A colocou que sim, pois a participação dos pais diretamente na vida escolar do filho é necessária para o seu desenvolvimento e o sistema de

progressão necessita desse elo entre aluno x escola x família.

Percebe-se que as professoras, em sua maioria, acham que a participação ativa da família contribui para o desenvolvimento dos alunos na Progressão Continuada, mas encontram dificuldades e ausência de envolvimento. As autoras Maturana e Cia (2015) destacam que:

A família constitui o primeiro grupo social do qual o indivíduo faz parte, tendo normas, regras, crenças, valores, papéis próprios e previamente definidos, caracterizando-se como a primeira mediadora, por excelência, entre indivíduo e sociedade. [...] A família, portanto, é responsável pela sobrevivência física e psíquica da criança, uma vez que se constitui como o primeiro grupo de mediação do indivíduo com a sociedade [...] assim como influenciará a formação da identidade e a aquisição de valores pela criança. Portanto, é no ambiente familiar que a criança aprende o que e como responder ao seu meio, isto é, aprende a administrar e resolver conflitos, expressar-se afetiva e emocionalmente, conviver com outros, constituindo assim sua identidade como pessoa.

Dando continuidade à roda de conversa, a pesquisadora colocou se a implantação da progressão continuada trouxe alguma mudança ao ensino. E que elas abordassem sobre isso. A Professora D abordou que sim, pois houve diminuição na evasão escolar, e com a progressão o aluno não é só avaliado em provas ele também tem que ser avaliado no todo. A Professora B disse que acredita que, de uma maneira geral, trouxe aspectos positivos e negativos, a progressão possibilita ao aluno continuar a desenvolver suas habilidades, porém, ao mesmo tempo, traz um certo conformismo para o próprio aluno, até mesmo para a família de que não adianta se esforçar durante o ano letivo, já que irá passar de ano de qualquer forma.

A Professora F argumentou que quando observamos, em longo prazo, podemos dizer que na progressão continuada, os problemas de aprendizagem, ou seja, os problemas relacionados à dificuldade de aprendizagem, só foram adiados. Ou seja, alguns alunos que obtêm a progressão no 1º e 2º ano, chegam, muitas vezes, sem “bagagem” mínima pra cursar o 3º ano. A Professora A disse que mudou o sistema de avaliação, deixando de ser quantitativo para qualitativo, nos anos iniciais de alfabetização.

A Professora E enfatizou que podemos definir a progressão continuada como uma forma de monitoramento do ensino-aprendizagem escolar que evita fixar um momento preciso para a avaliação e a promoção do aluno. E, a Professora C afirmou que sim, pois possibilita estratégias que busquem formas mais objetivas.

Assim, percebeu-se que há necessidade de esclarecimentos enfatizando que

a progressão continuada, enquanto estratégia, organizou o processo de ensino e aprendizagem em blocos contínuos, visando evitar repetência, atraso do aluno e sua evasão escolar. Viégas (2015, p.5) defende que:

Uma mudança dessa natureza deve trazer, sem dúvida, benefícios tanto do ponto de vista pedagógico como econômico. Por um lado, o sistema escolar deixará de contribuir para o rebaixamento da autoestima de elevado contingente de alunos reprovados. Reprovações muitas vezes reincidentes na mesma criança ou jovem, com graves consequências para a formação da pessoa, do trabalhador e do cidadão. Por outro lado, a eliminação da retenção escolar e decorrente redução da evasão deve representar uma sensível otimização dos recursos para um maior e melhor atendimento de toda a população. A repetência constitui um pernicioso 'ralo' por onde são desperdiçados preciosos recursos financeiros da educação. O custo correspondente a um ano de escolaridade de um aluno reprovado é simplesmente um dinheiro perdido. Desperdício financeiro que, sem dúvida, afeta os investimentos em educação, seja na base física (prédios, salas de aula, equipamentos), seja, principalmente, nos salários dos trabalhadores do ensino. Sem falar do custo material e psicológico por parte do próprio aluno e de sua família

Prosseguindo, a pesquisadora perguntou às professoras: qual o papel do professor na progressão continuada? A Professora A colocou que é de acompanhar o aprendizado do aluno. A Professora D abordou que o professor é o mediador de conhecimentos para o aluno. A Professora C enfatizou que o papel do professor é de aplicar conceitos teóricos e induzir o aluno à prática através de seus saberes e suas estratégias.

A Professora B disse que é de zelar e garantir a aprendizagem e avaliação do educando. A Professora F pontuou que o docente possui papel fundamental em todos os aspectos, principalmente em garantir que o aluno avance com os conteúdos mínimos de aprendizagem. Alcançar a todos os alunos é algo a ser superado, por isso, o professor deve sempre articular meios para que ela aconteça, vale ressaltar também que a autoavaliação do professor é importante para que também trace metas para seu trabalho, não avaliando somente o aluno, mas o processo como um todo.

A Professora E enfatizou que a formação continuada também possibilita que os professores identifiquem quais são as principais dificuldades de aprendizado dos alunos e permite que eles criem formas de contornar a situação, o que traz benefícios tanto para sua carreira profissional quanto para a escola no qual trabalham. Lima e Amaral (2015, p.15) abordam que:

Desse modo, o professor é peça fundamental durante o processo de aprendizagem da leitura e escrita da criança, pois, ele deverá atuar como parceiro no desenvolvimento desse processo, facilitando o contato do aluno com o sistema de escrita, ajudando-o a construir os conhecimentos de modo gradativo. Auxiliando também o aprendiz a viver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade, que irá se ampliar durante seu cotidiano por toda vida.

Tudo isso possibilita perceber que é necessário que o professor tenha uma prática de forma diferenciada pedagogicamente, ensine para que todos os alunos aprendam, tendo um acompanhamento constante ao longo da progressão, e que, nos patamares superiores, a aprendizagem seja realmente construída.

A pesquisadora prosseguiu perguntando às professoras, na opinião delas, qual a importância da avaliação no sistema da progressão, uma vez que não tem retenção. A Professora F declarou que mesmo que não haja retenção escolar, a avaliação é importante, pois o registro avaliativo servirá como um norte do trabalho pedagógico. A Professora E abordou que as tecnologias permitem que os educadores criem aulas mais dinâmicas e ainda ajudem na gestão escolar.

A Professora C disse que é importante para orientar o trabalho dos professores, em relação à progressão do aluno, no desenvolvimento do ensino-aprendizagem. A Professora D abordou que a avaliação é importante para conseguirmos fazer a autoavaliação diagnóstica do aluno. A Professora B argumentou que ela é muito importante, pois uma má avaliação acarreta no futuro do aluno, uma vez que, muitas vezes, na progressão continuada, o aluno vem sendo “empurrado” e quando chega nas séries posteriores, está sem saber o essencial. A Professora A enfatizou que a Progressão Continuada mudou o sistema de avaliação, deixando de ser quantitativo para qualitativo nas séries iniciais de alfabetização.

Portanto, percebe-se a necessidade de se fundamentar na avaliação escolar na Progressão Continuada, pois ela, em si, já é considerada um tema polêmico nas escolas, em virtude da visão e utilização de antigas formas de avaliação sendo, hoje, a sua necessidade atender às diversidades culturais e as especificidades do processo educativo. Sales (2018, p.6) explana que a formação continuada sobre avaliação, deve:

[...]contribuir para a reflexão a respeito dos sistemas de avaliação adotados pelas instituições de ensino; possibilitando aos educadores rever antigas práticas de avaliação com o intuito de construir avaliações coerentes que ajudarão as crianças e jovens a tornarem-se cidadãos críticos e sujeitos de sua história, por sentirem-se confiantes e capazes de superar os desafios

que encontrarão em seus caminhos.

Em continuidade, a pesquisadora questionou: Qual sua opinião sobre o regime de Progressão continuada? A Professora B disse que ao mesmo tempo em que ajuda os alunos a continuarem a desenvolver suas habilidades, se a progressão não for encarada com grande responsabilidade, por parte do aluno, e uma boa e extensa avaliação do professor que o acompanha, acaba prejudicando-o nas séries futuras. A Professora E colocou que a formação continuada é uma forma de manter a qualidade do ensino e, por isso, é necessário para quem deseja cumprir com maestria sua função de educador. A Professora A disse que adquiriu um sentido comparativo do antes e do depois, da valorização dos ganhos e do desenvolvimento do aluno.

A Professora D abordou que ela é importante, pois permite avaliar o aluno não só por provas, temos que avaliá-los de diversas formas. A Professora C disse que a progressão continuada é um sistema que oportuniza professor e aluno na trilha do ensino e aprendizagem, oportunizando a organização e reorganização de ideias, considerando o conhecimento como processo de vivência. E a Professora F explanou que acha válido, uma vez que o sistema de progressão continuada favorece aos que ainda não estão preparados para serem avaliados, com avaliações extensas e, muitas vezes, gerando apenas um estresse para o processo de ensino e aprendizagem.

Com isso, percebem-se diversidades nas opiniões. Viégas (2015, p. 3-4) enfatiza que:

Neste contexto, revigora-se a importância de analisar os impactos concretos da progressão continuada na escola pública, [...] embora a progressão continuada tenha sido apresentada como solução inovadora para contornar os altos índices de retenção, um estudo histórico revela que a ideia de abolir a reprovação vem sendo defendida no Brasil ao menos desde o início do século XX [...]. Uma mudança dessa natureza deve trazer, sem dúvida, benefícios tanto do ponto de vista pedagógico como econômico. Por um lado, o sistema escolar deixará de contribuir para o rebaixamento da autoestima de elevado contingente de alunos reprovados. Reprovações muitas vezes reincidentes na mesma criança ou jovem, com graves consequências para a formação da pessoa, do trabalhador e do cidadão. Por outro lado, a eliminação da retenção escolar e decorrente redução da evasão deve representar uma sensível otimização dos recursos para um maior e melhor atendimento de toda a população.

A pesquisadora agradeceu a participação de todas e disse que foi muito bom

esse primeiro momento e que aguarda a todas na segunda e última roda de conversa.

#### 4.3 OLHAR DAS PROFESSORAS SOBRE OS DIFERENTES NÍVEIS DE CONHECIMENTO

No segundo momento, a pesquisadora, agradeceu a todas as professoras e explanou que estão em continuidade com a roda de conversa e, para iniciar, ela perguntou: como você lida com os alunos em diferentes níveis de conhecimento em um mesmo ano? A Professora A colocou que lida com um olhar direcionado a cada particularidade, em busca de atender a cada um com propostas que assegurem seu aprendizado.

A Professora B abordou que de acordo com a proposta curricular que receberam, adapta as atividades para os alunos que tenham mais dificuldades, geralmente utiliza a mesma atividade para a turma, com os mesmos pressupostos, porém em níveis diferentes. Infelizmente não pode parar toda uma base curricular, mas adapta da melhor maneira para que a turma consiga alcançar um só objetivo.

A Professora C confessou que não é fácil, porém necessário. Ao deparar com uma sala de aula nesta situação precisa agir de forma a respeitar o direito de aprendizagem de cada aluno, respeitando seu tempo e seu limite. E que, diante desta situação, é necessário criar estratégias que possibilitam auxiliar, no desenvolvimento das competências e habilidades individuais.

A Professora D, abordou que primeiramente apresenta o currículo que está sendo apresentado conforme foi estipulado pela grade curricular da série. No segundo momento faz atividades diferenciadas, conforme a necessidades de cada um.

A Professora E colocou que trabalha com atividades diferenciadas propostas de acordo com o currículo e a Professora F enfocou que o desafio em trabalhar com alunos em diferentes níveis é algo rotineiro. Por isso, num primeiro momento, conhecer as dificuldades e particularidades de cada um é fundamental, através disso são oportunizados momentos de estudos individuais e paralelos, trabalhando com apostilas impressas, atividades adaptadas, roda de leitura e escrita, bem como colocar ao lado de um coleguinha que saiba mais. Conta com a ajuda da professora auxiliar que faz o rodízio dos alunos com dificuldades educacionais, para garantir o

acesso ao currículo por todo.

Assim, observou-se que há necessidade de se aprofundar nas práticas pedagógicas, pois:

[...] uma prática pedagógica quando se organizar em torno de intencionalidades, bem como na construção de práticas que conferem sentido às intencionalidades. Será prática pedagógica quando incorporar a reflexão contínua e coletiva, de forma a assegurar que a intencionalidade proposta é disponibilizada a todos; será pedagógica à medida que buscar a construção de práticas que garantam que os encaminhamentos propostos pelas intencionalidades possam ser realizados. (FRANCO, 2016, p.3).

A pesquisadora questionou como estão sendo desenvolvidas as atividades paralelas que permitem um atendimento aos alunos com dificuldades de aprendizagem? A Professora B disse que utiliza a ajuda de um professor auxiliar, que a ajuda nas atividades especiais para esses alunos, de 2 a 3 vezes por semana são feitas atividades específicas para esses alunos, conforme cada grau de alfabetização em que o discente se enquadra. A Professora A compartilhou que faz através de reforço, apostilas, atuação do professor auxiliar, atividades de leitura, produção escrita.

A Professora D disse que apresenta atividades extras, apresenta material e jogos concretos, alfabeto móvel para a formação de palavras e outro. E a Professora F disse que realiza um rodízio de aluno com dificuldades de aprendizagem, com isso, a professora auxiliar atende um aluno por vez no fundo da sala de aula, assim o aluno faz um estudo paralelo e ao mesmo tempo não perde os conteúdos. As atividades são adaptadas à realidade de cada um, podendo ser o mesmo conteúdo dos demais, porém de acordo com o seu nível de conhecimento.

Diante do exposto, é possível perceber que as professoras se esforçam para enriquecer seus fazeres docentes.

A necessidade de atualizar os métodos, currículos e a forma de repassar os conhecimentos na educação brasileira e os grandes avanços lançados através dela, são desafios que o educador precisa lidar no dia a dia. As carências da prática docente limitam o uso e a administração dos recursos pedagógicos para atender as novas demandas instaladas no cenário escolar. (MELO; COUTINHO, 2020, P. 14).

#### 4.4 OLHAR DAS PROFESSORAS SOBRE A AVALIAÇÃO

A pesquisadora perguntou como elas avaliam seus alunos com mais

frequência. A Professora F colocou que seus alunos são avaliados logo no início do período, com a avaliação diagnóstica. “Ao longo do período avaliamos de forma contínua através de ditados, auto ditado, ditado ilustrado, escrita de frase e leitura de texto. A cada final de trimestre era repetido à avaliação diagnóstica, que também era feita por uma equipe da SEME. Nesse ciclo de progressão a observação também é muito importante como meios de avaliação contínua”.

A Professora B, disse que avalia através da Observação nas atividades diárias. A Professora E abordou que, na verdade, a questão da avaliação é extremamente importante, a avaliação pode contribuir para a ‘construção de uma escola democrática e de qualidade para todos. A Professora D enfatizou que avalia através de seus cadernos, observando seu desenvolvimento, tanto na escrita e oralmente e dos relatórios diários que são realizados. A Professora C colocou que avalia observando e valorizando suas ações a cada dia. Trabalhado as situações vivenciadas no dia a dia. E a Professora A disse que avalia por meio de observação, registros individuais, leitura, caderno do aluno, produção escrita.

A pesquisadora prosseguiu questionando qual (ais) instrumentos de registros da aprendizagem elas utilizam. A Professora E respondeu a verdade sobre a questão da avaliação, que é extremamente importante, pois pode contribuir para a ‘construção de uma escola democrática e de qualidade para todos’. A Professora D abordou que utiliza de cadernos e fichas descritivas. A Professora C compartilhou que faz uso de observação, diálogo, participação, interesse, interação com o assunto, oralidades, conclusão das atividades.

A Professora B enfatizou que tem como instrumentos o caderno do aluno, caderno próprio do professor, fichas descritivas e portfólio. A Professora A disse que utiliza de observação, registros individuais, leitura, caderno do aluno, produção escrita e a Professora F colocou que faz a utilização de Caderno do aluno através de correção e vistos, bem como o seu caderno pessoal (Caderno de planejamento) no qual registrava o nível de escrita do aluno.

Diante dessas colocações, percebe-se a necessidade de discutir sobre a avaliação bem como seus instrumentos. O autor Sales (2018, p.5) enfatiza que:

[...]o papel da avaliação na sociedade como instrumento de inclusão e exclusão. A realidade [...] por contribuir para uma reflexão a respeito da importância das instituições escolares na construção de uma sociedade mais justa e democrática; apresentando também, pequenas mudanças a serem realizadas pelos educadores no sentido de possibilitar as mudanças necessá-

rias para que todos tenham acesso a uma educação de qualidade, formando cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade, além de agentes transformadores de sua realidade.

#### 4.5 OLHAR DAS PROFESSORAS SOBRE OBSERVAÇÕES E/OU SUGESTÕES

Para encerrar esse segundo momento da roda de conversa, a pesquisadora solicitou que as professoras deixassem alguma observação e/ou sugestão sobre a Progressão Continuada: A Professora B disse que a solução para um ensino eficaz não é repetir o conteúdo, nem afirmar que os alunos não gostam de aprender. As escolas têm a obrigação de oferecer oportunidades de aprendizagem para todos, entretanto, este tipo de organização do ensino é uma prática recente, que precisa ser adequada a cada realidade, a partir da autonomia das redes de educação e da própria escola.

A Professora A abordou que a sua sugestão seria que acontecesse do segundo para o terceiro, a avaliação de reprovação. E que os professores tivessem o compromisso de lerem as fichas descritivas do ano anterior para conhecer o perfil de cada aluno. Uma participação mais ativa da família há diferença no aprendizado do aluno. A Professora E colocou que com os cursos de atualização o docente aprende a fazer uma gestão melhor de sua turma de alunos, além de aprender novas práticas educacionais.

A Professora D foi enfática em dizer que a Progressão Continuada contribui para universalizar a educação básica, porém muitas redes têm que entender que ela não é uma aprovação automática, que a escola tem que organizar o seu PPP conforme a realidade da sua escola.

E, por fim, a Professora F explanou que o único ponto a ser ressaltado, é ver que com a progressão continuada, muitos dos profissionais não questionam se o caminho adotado é o melhor para seguir, deixando de lado as particularidades de alguns alunos, colocando a culpa do fracasso escolar apenas na família, ou no próprio aluno e, com isso, as dificuldades são evidenciadas quando chegam ao 3º ano, por exemplo, com problemas educacionais pré-existentes, mas nunca solucionados.

Diante das colocações, percebe-se que grande necessidade de formação continuada para os professores, pois Melo; Santos (2020, p.89) afirmam que:

A formação de professores no Brasil é uma discussão relevante e, que, historicamente, tem sido marcada por avanços e retrocessos, os quais reverberaram em uma formação inicial que é considerada insuficiente para preparar o futuro professor para exercer sua função, tamanha é a complexibilidade da função docente. Desta forma, muitos são os elementos que devem ser repensados para formação de professores do nosso país, entre os quais destacamos a formação continuada dos professores. [...]Nos permitindo refletir sobre a complexidade e heterogeneidade das condições de trabalho dos professores no decorrer do século XIX, nos levando a (re)pensar a necessidade de se compreender os contextos históricos e sociais que perpassam a formação continuada de professores.

Finalizando a roda de conversa, a pesquisadora agradeceu a cada participante, enfatizando que as mesmas contribuíram muito com a pesquisa e reforçou sobre o sigilo das colocações feitas nos 2 (dois) momentos da roda de conversa. Ela ressaltou que essas estratégias privilegiaram a reflexão-ação, bem como o diálogo entre seus participantes, oportunizando, a cada professora, o olhar do seu aluno, enquanto sujeito, e sobre o seu cotidiano na Progressão Continuada e o desenvolvimento de suas ações pedagógicas.

Diante de tudo isso, possibilitou-se perceber de forma muito nítida que existem, na Progressão Continuada, desafios na questão de conhecer a realidade do processo de aprendizagem do aluno, pois inúmeras professoras abordaram a questão de não ter dados pedagógicos sobre os seus.

Outro desafio que ficou perceptível foi a questão da avaliação dos alunos, pois foram unânimes em dizer que fazem anotações, porém muitas não deixam claro o nível de cada um. Portanto:

A realização dessa pesquisa demonstrou a necessidade de capacitar alguns professores para melhorar sua prática pedagógica e sua maneira de como aplicar práticas de inovação, pois os professores precisam de apoio da família, coordenadores, comunidade local para expandir seu trabalho para com os alunos. Dificuldades sempre existiram e sempre existirão, mas que não sirvam de estímulo para priorizar uma parte da educação. Que essa responsabilidade não fique apenas a cargo dos professores, sendo dever de todos por uma educação de qualidade (MELO; COUTINHO, 2020, p.23).

Assim, constata-se a necessidade de promover uma formação continuada envolvendo os referidos professores da escola do município de Presidente Kennedy-ES na perspectiva pessoal, profissional e cidadã, partindo de um processo global articulando tanto o aperfeiçoamento individual, coletivo, com ênfase nas práticas pedagógicas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que originou esta dissertação teve como objetivo investigar os desafios da Progressão Continuada nos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola do Município de Presidente Kennedy –ES, com base no diálogo com os autores Lukesi (2002), Esteban (2008), Soares (2004), Bertagna (2010), Duarte (2013), Viégas (2015), Barboza (2016), Silva (2017), Melo (2020), dentre outros, debatendo sobre suas possibilidades em práticas avaliativas que considerem e reconheçam os conhecimentos dos alunos em relação à alfabetização e letramento, fundamentadas na ideia da não retenção.

Esta possibilitou constatar as principais dificuldades de aprendizagem e as fragilidades dos professores e da escola para lidar com os alunos ante a Progressão Continuada com problemas de aprendizagem na alfabetização e letramento e até mesmo no processo de avaliação. Além de acarretar em dificuldades, que incorrem em desafios na prática pedagógica dos professores, no que tange à alfabetização e letramento, bem como a avaliação escolar.

Em busca de uma compreensão melhor sobre a Progressão Continuada foi realizado todo um estudo teórico primando por subsidiar os objetivos propostos, que apresentaram a predominância de fragilidades na avaliação e na prática pedagógica, que conseqüentemente impactam na vida escolar de alguns alunos, especialmente, no período da aprovação, devido às dificuldades causadas pelas professoras na busca de novas práticas pedagógicas e avaliativas para propiciar, aos alunos, verdadeira construção do conhecimento para uma aprendizagem significativa.

Portanto, com base nos resultados da pesquisa, é possível afirmarmos que a escola precisa reconhecer sua importância da Progressão Continuada, pois ela contribui de forma significativa para o processo de ensino-aprendizagem

No decorrer do desenvolvimento deste estudo, foi possível atingir os objetivos propostos e, ao longo da pesquisa, foram constatados os desafios que as professoras enfrentam com a Progressão Continuada, pois destacaram inúmeras dificuldades na sala de aula, dentre elas a alfabetização, letramento e a avaliação, foram abordadas que há dificuldade de atender os alunos de forma individualizada.

Tudo isso possibilitou-nos perceber a necessidade de estudos, trocas de experiências de forma a proporcionar a inserção de novas práticas pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem que visem minimizar essas dificuldades na

garantia da aprendizagem significativa dos alunos. Com isso, é válido enfatizar que essas dificuldades necessitam de intervenções urgentes na escola, por meio de uma Formação Continuada, elaboração de práticas e materiais pedagógicos diversificados até mesmo o acompanhamento familiar, auxiliando os alunos nas tarefas escolares em casa para que, assim, consigamos minimizar tais dificuldades e o aluno, quando aprovado, seja realmente alfabetizado e letrado.

Diante do exposto, percebemos que as professoras possuem importante papel no processo de ensino e aprendizagem. Daí a importância de buscar cada vez mais conhecimentos sobre a Progressão Continuada, avaliação e letramento fortalecendo esses saberes, para se atualizarem e, com isso, manejarem melhor o processo educativo, pois o regime de Progressão Continuada visa acabar com a reprovação, otimizar o uso de recursos, visando a aprendizagem e a melhoria da autoestima do aluno.

Daí a proposta do Produto Final ser uma Formação Continuada, partindo de pesquisa com vários estudiosos dos temas, discussões através de roda de conversa, com vivências para orientações e enriquecimento das práticas pedagógicas selecionadas pela pesquisadora que, com certeza, auxiliarão as professoras no processo de ensino-aprendizagem.

Acreditamos que esta pesquisa pode ser considerada um estudo de grande relevância, porque além de ter alcançado os objetivos propostos leva a uma reflexão e às sugestões de ações sobre fazeres pedagógicos no contexto da Progressão Continuada, pois uma boa prática educativa é capaz de influenciar os professores, pedagogos e a família a terem um novo olhar para o desenvolvimento dos alunos.

É possível dar continuidade, posteriormente, a pesquisa como forma de melhorar a prática pedagógica nas escolas para uma maior qualidade do ensino, levando ao processo ensino-aprendizagem, os aspectos cognitivos, sociais, emocionais e pedagógicos dos alunos.

Este trabalho possibilitará elaborar sugestões de estudos, discussões, partilhas e ações práticas que contribuirão, de forma significativa, com o processo de ensino-aprendizagem na Progressão Continuada, na mediação, interação, no ensino e aprendizagem dos alunos.

Além de ter oportunizado uma constante reflexão sobre a Progressão Continuada, avaliação, alfabetização e letramento, bem como, tudo que pode ser feito para fortalecer e potencializar os conhecimentos dos professores e sua prática

pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental, formando profissionais mais capacitados para auxiliar seus alunos no processo de ensino e aprendizagem.

Vale ressaltar que a produção científica e a atividade prática educativa dialogam entre si, sabendo-se que o caráter cultural e epistemológico dos saberes educacionais, pedagógicos e sociais dependem de uma renovação contínua, considerando as diferentes tarefas cognitivas e as variadas práticas educativas na sala de aula.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Alessandra Maia Lima. **Os ciclos**: a experiência da organização do ensino no Rio de Janeiro e Niterói. Juiz de Fora: Educ. foco, v 17 n. 3, p. 87-115, 2013.

ANDRADE, Lucinéia Aparecida Vieira de; Moraes, Marcela Barbosa de. **O uso do questionário como instrumento de pesquisa na análise da aplicabilidade do compliance nas organizações públicas**. Taubaté-SP: LAJBM, v. 8, n. 2, p. 171-213, jul-dez/2017.

BARBOZA, Reginaldo José. **A alfabetização sob o ponto de vista histórico e metodológico**. São Paulo: NESP, Colloquium Humanarum, vol. 13, n. Especial, Jul-Dez, 2016.

BARRETO, Elba Siqueira de Sá et al. Trajetórias e desafios dos ciclos escolares no país. In: **Estudos Avançados**. São Paulo, 2001.

BARRETTO, Elba Siqueira de Sá; SOUSA, Sandra Zákia. Estudos sobre ciclos e progressão escolar no Brasil: uma revisão. São Paulo: **Educação e Pesquisa**, vol. 30 nº1, Jan./Abril, 2004.

BETT, Gabriela de Conto; LEMES, Maria Júlia. Fracasso escolar e conselho tutelar: um estudo sobre os caminhos da queixa escolar. Maringá: **Psicologia Escolar e Educacional**, vol.24, 2020.

BERTAGNA, Regiane Helena. Avaliação e progressão continuada: o que a realidade desvela. Campinas; **Pro-Posições**, v. 21, n. 3 (63), p. 193-218, set./dez. 2010.

BRASIL. BNCC- **Base Nacional Comum Curricular**, 2017. [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf). Acesso em 9 de julho de 2020.

\_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em 5 julho. 2020.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais** : introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 126p.

BUSS, Paulo M.; ALCÁZAR, Santiago; GALVÃO, Luiz Augusto. Pandemia pela Covid-19 e multilateralismo: reflexões a meio do caminho. São Paulo: **Estudos Avançados**. vol.34, nº99, maio/agosto, 2020.

CARVALHO, Camilla Sales Rodrigues de. **A contribuição do lúdico no processo de alfabetização infantil**. João Pessoa: UFPB, 2016.

CAVALCANTE, Leila Pacheco Ferreira; MELLO, Maria Aparecida. **Avaliação da aprendizagem no ensino de graduação em saúde**: concepções,

intencionalidades, reflexões. São Paulo: Universidade Federal de São Carlos/UFSCar, 2015.

CONFERÊNCIA REGIONAL LATINO-AMERICANA SOBRE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA GRATUITA E OBRIGATÓRIA. Recomendações. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v.26, n.63, p.158-78, jul.-set.1956.

DUARTE, J. R. G. **Formação continuada de rede**: um estudo de caso da formação de professores no Município de Lagoa Santa. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

ESTEBAN, Maria Teresa. Escolas que somem, reflexões sobre escola pública e educação popular. Florianópolis: **Perspectiva**, v. 22, n. 01, p. 127-144, jan./jun. 2004.

\_\_\_\_\_. **Silenciar a polissemia e invisibilizar os sujeitos**: indagações ao discurso sobre a qualidade da educação. Portugal: Universidade do Minho, Revista Portuguesa de Educação, 2008.

\_\_\_\_\_. A negação do direito à diferença no cotidiano escolar. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 19, n. 2, p. 463-486, jul. 2014..

FABRIS, Elí Terezinha Henn; POZZOBON, Marta Cristina Cezar. Os desafios da docência em tempos de pandemia de covid-19: um “soco” na formação de professores. **Revista Educar Mais**, Vol. 4, Nº 2, p. 233 a 236, 2020. <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/1803/1473>. Acesso em 11 de dezembro de 2020.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. Brasília: **Rev. Bras. Estud. Pedagógicos**. vol.97 nº 247, 2016

FREITAS, Gabriela Cássia Leme de. **Alfabetização e letramento**: os sentidos construídos pelas crianças sobre a leitura e a escrita. Campinas, SP: UEC, 2015.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

GRISPINO, Izabel Sadalla. **Progressão continuada e promoção automática**. [http://izabelsadallagrispino.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1328](http://izabelsadallagrispino.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1328). Acesso em 15 de agosto de 2020.

GUARDA, Gelvane Nicole. **A roda de conversa como metodologia educativa: o diálogo e o brincar oportunizando o protagonismo infantil na sala de aula**. Paraná: PUC, Educere, 2017.

LEITE, Maria Cleide da Silva Ribeiro; SILVA, Antonio José Pereira da; MARTINS, Elcimar Simão. **Pesquisa qualitativa em teses de doutorado**: uma análise do triênio 2013-2015. São Paulo- Campinas: Revista Expressão Católica; v. 6, n. 1; Jan – Jun; 2017.

LOGUERCIO, Taiana Duarte; ZASSO, Silvana Maria Bellé. **Avaliação da aprendizagem no ciclo de alfabetização**: as perspectivas das professoras alfabetizadoras de uma escola da rede municipal de ensino do rio grande/rs. Curitiba: UFPR- ANPED, 2016.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem... mais uma vez**. nº 46. (2016). em<:  
[https://scholar.google.com.br/scholar?start=10&q=avalia%C3%A7%C3%A3o+mais+uma+vez+luckesi&hl=pt-BR&as\\_sdt0,5#=>](https://scholar.google.com.br/scholar?start=10&q=avalia%C3%A7%C3%A3o+mais+uma+vez+luckesi&hl=pt-BR&as_sdt0,5#=) Acesso em: 10 de setembro. 2020.

\_\_\_\_\_. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e preposições. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MAGALHÃES, Rita de Cássia Barbosa Paiva; SOARES, Marcia Torres Neri. **Currículo escolar e deficiência**: contribuições a partir da Pesquisa - ação colaborativo-crítica. São Paulo: Caderno de Pesquisa, vol.46 nº.162, 2016.

MARTINS, Erikson de Carvalho; SANTOS, Gilberto Lacerda dos. Epistemologia qualitativa, fenomenologia e pesquisa - ação: diálogos possíveis. Campinas, SP: **Filosofia e Educação [RFE]** – Volume 9, Nº 3, p. 18-45, 2018.

MARTINS, G. de A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. Educação em tempos de pandemia no brasil: saberes fazeres escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva. Rio de Janeiro: **Redoc**, V. 4, Nº, Maio/Ag 2020.

MATOS, Juliana Martins Cassani. **Conteúdos de ensino da educação física escolar**: da produção acadêmica às narrativas docentes. Vitória: UFES, 2013.

MATURANA, Ana Paula Pacheco Moraes; CIA, Fabiana. Educação especial e a relação família - escola: análise da produção científica de teses e dissertações. Maringá: **Psicol. Esc. Educ.** vol.19, nº 2, 2015.

MEC.-MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Ensino fundamental de nove anos – orientações gerais. 2004.**  
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/noveanorienger.pdf>. Acesso em 12 de maio de 2020.

MELO, Elda Silva do Nascimento; SANTOS, Camila Rodrigues dos. A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES(AS) NO BRASIL: DO SÉCULO XX AO SÉCULO XXI. Palmas: **Revista Humanidades e Inovação** v.7, n.11 – 2020.

MELO, Josefa Gomes dos Santos; COUTINHO, Diógenes José Gusmão. **As competências e habilidades para uma práxis pedagógica favorável na educação infantil**. 2020.<https://revistaespacios.com/a20v41n11/a20v41n11p14.pdf>. Acesso em 02 de janeiro de 2021.

OLIVEIRA, José Clovis Pereira de. **O questionário, o formulário e a entrevista como instrumentos de coleta de dados: vantagens e desvantagens do seu uso na pesquisa de campo em ciências humanas.** 2016. <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV056\\_MD1\\_SA13\\_ID8319\\_03082016000937.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA13_ID8319_03082016000937.pdf). Acesso em q4≥ de maio de 2020.

RODRIGUES, Marli de Fátima. **O curso de pedagogia e a formação de professores: análise de um processo de re(construção) curricular.** Paraná, PUC, Educere, 2015.

SILVA, Rebeca Faria. A avaliação da aprendizagem escolar de acordo com a visão da Psicopedagogia. Rio de Janeiro: **Revista Educação Pública**, 2017. Disponível em <http://educapes.gov.br/handle/capes/201210>. Acesso em 23 de julho de 2020.

POZZOBON, Magda; MAHENDRA, Férita; MARIN, Angela Helena Renomeando o fracasso escolar. Maringá: **Psicologia Escolar e Educacional**, vol.21 nº.3 set./dez. 2017.

RANIERI, Nina. Educação obrigatória e gratuita no Brasil: um longo caminho, avanços e perspectivas. In: **Direito à educação e direitos na educação em perspectiva.** São Paulo: Cátedra UNESCO de Direto à Educação/Universidade de São Paulo (USP), 2018.

SANTOS, Wagner et al. **Avaliação na educação física escolar: analisando as experiências das crianças em três anos de escolarização.** Movimento (ESEFID/UFRGS), v. 25, p. 25047, 2019a.

SANTOS, Wagner dos et al. Práticas avaliativas de professores de educação física: inventariando possibilidades. **Journal of Physical Education**, v. 30, 2019b.

SANTOS, Wagner dos et al. Avaliação na educação física escolar: construindo possibilidades para a atuação profissional. **Educação em Revista**, v. 30, n. 4, p. 153-179, 2014.

BRASIL. Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. **Diário Oficial da União**, 2013.

SALES, Gutemberg Martins de. Uma análise sobre a avaliação escolar na educação básica. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.** Ano 03, Ed. 07, Vol. 02, pp. 5-17, julho de 2018.

SEDU, **Secretaria de Educação.** Disponível em <https://sedu.es.gov.br/paebes>. Acesso em 28/11/2020

Soares, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Educação**, Nº 25, Jan /Fev /Mar /Abr 2004.

SOUZA, Fabiula Silva de; SOUZA, Ludimila Meira; BOONE, Maruza Brasil. **Avaliação**: um processo contínuo de ensino e aprendizagem. [https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/avaliacao-um-processo-continuo-de-ensino -e-aprendizagem.pdf](https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/avaliacao-um-processo-continuo-de-ensino-e-aprendizagem.pdf). Acesso em 13 de setembro de 2020.

SOUZA, Kellcia Rezende; SOUSA, Ana Paula Moreira de; SCAFF, Elisangela Alves da Silva. Ampliação do ensino fundamental: implicações a avaliação da aprendizagem. Itapetininga: **Rev. Int. de Form. de Professores (RIFP)**, v. 3, n.4, p. 111-126, out./dez., 2018.

THIESEN, Juarez da Silva. Currículo Interdisciplinar: contradições, limites e possibilidades. Florianópolis: **Perspectiva**, v. 31, n. 2, 591-614, 2013.

VENTURINI, Alessandra. A política pública de avaliação em regime de progressão continuada no 'novo' ensino fundamental. Paraná: **Educere**. <https://educere.pucpr.br/>. Acesso em 15 de outubro de 2020.

VIÉGAS, Lygia de Sousa. Progressão continuada e patologização da educação: um debate necessário. Maringá: **Psicol. Esc. Educ.** vol.19, nº 1, 2015.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A

#### QUESTIONÁRIO/ ROTEIRO DA RODA DE CONVERSA

Caro profissional:

Bom dia!

Venho convidá-lo para uma conversa online em 2 (dois) momentos com o propósito de conhecer sobre “Os Desafios para a Progressão Continuada em uma Escola do Ensino Fundamental no Município De Presidente Kennedy-Espírito Santo” foco da temática do nosso Trabalho de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação, com a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Juliana Martins Cassani Matos, da Faculdade Vale do Cricaré- São Mateus-ES, .

Contamos sua participação, a qual será guardado todo sigilo.

Vale ressaltar que não tem certo ou errado, queremos o seu verdadeiro ponto de vista!

Agradecemos pela colaboração!

-

Mestranda Carmen Lúcia Custódio da Silva

1-Para iniciarmos nossa conversa, vamos nos apresentar:

a) Qual sua formação?

b) Em qual segmento e turma você atua?

c) Há quanto tempo atua nesse segmento?

Vamos conversar um pouco sobre currículo e Progressão Continuada:

2-Baseado na sua caminhada profissional, compartilhe o que você ENTENDE POR

## CURRÍCULO:

3- O que você percebe na Progressão Continuada?

4- Em sua opinião, você considera importante o professor acompanhar a turma, na Progressão Continuada? Justifique sua resposta

5- Você acha que, na Progressão Continuada, a participação dos pais nos estudos e na educação dos filhos interfere no desempenho escolar?

Foi muito bom esse primeiro momento.

Agradeço cada uma de vocês e aguardo todas no nosso segundo e última roda de conversa!

Até lá!

## 2º MOMENTO

Dando continuidade a nossa roda de conversa:

6- Como você lida com os alunos em diferentes níveis de conhecimento em uma mesma série?

7-Como estão sendo desenvolvidas as atividades paralelas que permitem um atendimento aos alunos com dificuldades de aprendizagem?10-- Como você avalia seus alunos com mais frequência?

8- Qual(ais) instrumentos de registros da aprendizagem você utiliza?

9- A implantação da progressão continuada trouxe alguma mudança no ensino?

10- Qual o papel do professor na progressão continuada?

11- Em sua opinião, qual a importância da avaliação no sistema da progressão uma vez que não tem retenção?

12- Qual sua opinião sobre o regime de Progressão continuada?

13- Deixe alguma observação e/ou sugestão sobre a Progressão Continuada:

Quero agradecer cada participante. Com certeza vocês contribuíram muito com minha dissertação e quero reforçar que guardaremos sigilo.

Muito obrigada pela grande colaboração de cada uma de vocês!

Abraços!

Mestranda Carmen

## APÊNDICE B- PRODUTO FINAL

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES****ESTUDOS, REFLEXÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS SOBRE PROGRESSÃO  
CONTINUADA****AUTORA:** Mestranda Carmen Lúcia Custódio Da Silva**ORIENTADORA:** Profa. Dra. Juliana Martins Cassani

Presidente Kennedy – ES

2021

## **FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES**

### **ESTUDOS, REFLEXÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS SOBRE PROGRESSÃO CONTINUADA**

Produto final obtido da Dissertação de Mestrado com o título: “Formação Continuada de Professores Estudos, Reflexões e Práticas Pedagógicas sobre Progressão Continuada orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Juliana Martins Cassani, na Faculdade Vale do Cricaré – FVC.

Área de concentração: Educação

Linha de pesquisa: L1 – A Educação e a Inovação

## APRESENTAÇÃO

Esta Formação Continuada é fruto da pesquisa de Mestrado intitulada “Os Desafios para a Progressão Continuada nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em Uma Escola Do Ensino Fundamental no Município de Presidente Kennedy-Espírito Santo”, que teve como objetivo investigar os desafios da progressão continuada nos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola do Município de Presidente Kennedy-ES, debatendo sobre possibilidades de práticas avaliativas que considerem e reconheçam os conhecimentos dos alunos em relação à alfabetização e letramento, fundamentadas na ideia da não retenção.

[...] a formação continuada deve propiciar atualizações, aprofundamento das temáticas educacionais e apoiar-se numa reflexão sobre a prática educativa, promovendo um processo constante de auto avaliação que oriente a construção contínua de competências profissionais. Porém, um processo de reflexão exige predisposição a um questionamento crítico da intervenção educativa uma análise da prática perspectiva de seus pressupostos. Isso supõe que a formação continuada se estenda às capacidades e atitudes e problematize os valores e as concepções de cada professor e da equipe. (BRASIL, 2002, p. 70).

Sabemos que a Progressão escolar, visa evitar a reprovação mobilizando e utilizando os conhecimentos dos alunos, exigindo que sua professora busque conhece-los seus alunos, desenvolvendo o processo ensino e aprendizagem r partindo do que ele já sabe de forma progressiva; sendo que esta deve ser a principal preocupação da escola.

Para tanto, é necessário repensar o currículo analisando suas contradições, seus limites e suas possibilidades, no que tange à prática dos sujeitos na sua aprendizagem e de apropriação, devendo, assim, se construir de formas integradora. De acordo com Thiesen (2013, p.592-593), devemos ver o:

[...] currículo como um movimento da materialidade histórica, portanto uma construção social e cultural – ao mesmo tempo uma invenção humana na medida em que transcende do concreto da experiência ao plano do abstrato como compreensão e organização teórica desse real, convertendo-se, outra vez, em práxis humana como concreto pensado. Nessa perspectiva o currículo não é entendido apenas como um espaço onde os grupos sociais hegemônicos selecionam, classificam e distribuem conhecimento. É também ele o próprio movimento de produção da existência humana que no âmbito do conhecimento funda-se por meio das relações de apropriação, poder e de controle. O currículo não pode existir fora da realidade concreta onde homens e mulheres tecem e engendram os elementos de sua constituição histórica, seja na ação mesma da atividade educativa, seja nas

formulações teóricas produzidas sobre essa ação. A produção do currículo, como campo de lutas, engendra-se na produção sempre tensionada das relações sociais mediatizadas pelos interesses de classe e materializadas na atividade educativa como um jogo de forças em torno do seu objeto mais precioso – o conhecimento.

Nesta perspectiva, a escola deve buscar se preocupar com o processo educativo, tendo o aluno centro e o professor mediador de forma que caminhe “[...] para além do que se pode perceber através da avaliação do desempenho” (ESTEBAN, 2008, p.5).

Neste contexto, este produto final, contempla todo um direcionamento didático pedagógico para a Formação Continuada de Professores semanal para os professores que atuam no segmento da Progressão no Ensino Fundamental I, com sugestões de orientações aplicáveis pela escola, visando contribuir para melhoria do processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Acreditamos que no campo dos estudos sobre o currículo, temos novas perspectivas curriculares emergindo do contexto escolar e, essa formação continuada oportunizará estudar, discutir e compreender a escola, as identidades dos sujeitos que a compõem e como podemos interferir na melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Seja bem-vindo(a)! Bom proveito!

Sucesso!

Mestranda Carmen Lúcia Custódio Da Silva

## FORMAÇÃO CONTINUADA

**Objetivo Geral:** Realizar uma Formação Continuada para os professores que atuam nas turmas de Progressão Continuada em uma escola do município de Presidente Kennedy-ES, que aborde a temática da Progressão Continuada.

Assim, são necessários estudos que discutam sobre os desafios da Progressão Continuada nos anos iniciais do Ensino Fundamental, devido suas potencialidades e implicações na reorganização do ensino, bem como sua contribuição para o professor na aquisição de suporte para o seu cotidiano da sala de aula.

### **Objetivos Específicos:**

- Realizar um momento de apresentação da Formação Continuada para a SE-ME para conhecimento da estrutura da mesma e conseguir apoio para a sua execução
- Estudar sobre as temáticas Progressão Continuada, avaliação processual e alfabetização e letramento.
- Discutir em roda de conversas as potencialidades e fragilidades da avaliação e alfabetização e letramento na Progressão Continuada.
- Vivenciar atividades práticas envolvendo Progressão Continuada, avaliação processual e alfabetização e letramento visando o enriquecimento da prática pedagógica.

## ATIVIDADES PROPOSTAS

### **Encontro 1: Tema: Estudos e discussão a Progressão Continuada**

OBJETIVO: Iniciar a formação continuada estudando e discutindo a Progressão Continuada

#### DESENVOLVIMENTO:

- Acolher as professoras com uma música orquestrada
- Em círculo: Auto apresentação e partilha sobre sua expectativa para a formação
- Power Point sobre Progressão Continuada
- Atividade em dupla: a) Ler e discutir o texto: “Progressão Continuada: Suas Exigências Com Relação à Atuação do Professor de Anos Iniciais do Ensino Fundamental” - Autores: Edley dos Santos e Elias Alexandre Junior, de acordo com o seguinte comando:

GRUPO 1- Ler da página 75 a 77, discutir e partilhar enriquecendo com suas experiências, dúvidas e ponto de vista.

GRUPO 2- Ler da página 77 a 79, discutir e partilhar enriquecendo com suas experiências, dúvidas e ponto de vista.

GRUPO 3- Ler da página 79 a 84, discutir e partilhar enriquecendo com suas experiências, dúvidas e ponto de vista.

- Vídeo: Assistir o vídeo: Sistema de Progressão Continuada Site: [https://www.youtube.com/watch?v=Ym1\\_2krxp5E](https://www.youtube.com/watch?v=Ym1_2krxp5E)
- O que este vídeo acrescenta na sua Prática Pedagógica?

### **Encontro 2: Tema: Progressão Continuada**

OBJETIVO: Dar continuidade ao estudo e à discussão sobre a Progressão Continuada

#### DESENVOLVIMENTO

- Acolher as professoras
- Mensagem: Parábola do Lápis-

[https://www.youtube.com/watch?v=V6BXtz6v\\_K0](https://www.youtube.com/watch?v=V6BXtz6v_K0)

- Partilha da mensagem
- Em círculo: Roda de conversa sobre o que acrescentou do Encontro anterior? Quais suas dúvidas.
- Momento de Prática: Cada dupla receberá um envelope contendo o texto e o seguinte comando:
  - a) DUPLA 1: Vocês deverão ler o texto “Progressão continuada não é vilã da qualidade do ensino” de Carolina de Oliveira da USP e apresentar em forma de AULA DO PROFESSOR RAIMUNDO.
  - b) DUPLA 2: Vocês deverão ler o texto “Progressão continuada não é vilã da qualidade do ensino” de Carolina de Oliveira da USP e apresentar em forma de PARÓDIA.
  - c) DUPLA 3: Vocês deverão ler o texto “Progressão continuada não é vilã da qualidade do ensino” de Carolina de Oliveira da USP e apresentar em forma de DISCURSO POLÍTICO.
- Fechamento sobre a temática Progressão Continuada

### **Encontro 3: Tema: Alfabetização**

OBJETIVO: Estudar, discutir e refletir sobre alfabetização

DESENVOLVIMENTO:

- Acolher as professoras com a música “Eu vou Seguir” Site: <https://www.youtube.com/watch?v=g4tTpVW6wGQ>
- Em círculo: Questionamentos:
  - a) Qual é o conceito de alfabetização?
  - b) Qual é a importância da alfabetização?
  - c) Qual A idade ideal para a alfabetização?
- Power Point sobre Alfabetização

Atividade em dupla: a) Ler e discutir o texto: “A Alfabetização sob o Ponto de Vista Histórico e Metodológico” de Reginaldo José Barboza, de acordo com o seguinte comando:

GRUPO 1- Ler da página 14 a 15, discutir e elaborar uma apresentação em forma

de cartaz.

GRUPO 2- Ler da página 16 a 18 discutir e elaborar uma apresentação em forma de cartaz.

GRUPO 3- Ler da página 18 a 20, discutir e elaborar uma apresentação em forma de cartaz.

- Apresentações
- Cada dupla receberá uma figura abaixo:

FIGURA 1



Etimologicamente o termo alfabetização não ultrapassa o significado de “levar a aquisição do alfabeto”, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever;

Processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica” (SOARES, 2003, Revista Brasileira de Educação).

FIGURA 2

## O que é Alfabetização?

*É o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilita ao aluno ler e escrever com autonomia.*



FIGURA 3

## O que significa estar alfabetizado?

- Alfabetizar é ensinar ou aprender a ler e escrever.
- Alfabetizado é, portanto, aquele que sabe ler e escrever.
- No contexto do PACTO, a criança alfabetizada é aquela que compreende o sistema de escrita, é capaz de ler e escrever com autonomia em diferentes situações sociais e apresenta um universo de referências culturais

#### Encontro 4:

OBJETIVO: Dar continuidade ao estudo e a discussão sobre a ALFABETIZAÇÃO

#### DESENVOLVIMENTO

- Acolher as professoras
- Mensagem: vídeo: Pedagogia do Olhar. Site <https://br.pinterest.com/pin/309552174361043077/>
- Partilha da mensagem
- Em círculo: Roda de conversa: QUAL A SUA REFLEXÃO SOBRE ALFABETIZAÇÃO? Quais suas dúvidas.
- Vamos agora assistir um vídeo sobre ALFABETIZAÇÃO PARA PARTILHARMOS:

#### Fases da escrita no processo de alfabetização

SITE: <https://www.youtube.com/watch?v=qOaxs1HuCTQ>

- ATIVIDADE: Cada dupla receberá UMA FIGURA ABAIXO que terá um tempo para conversar e depois partilhar na Roda de Conversa:

FIGURA 1



FIGURA 2

FASES DA ESCRITA		
PRÉ SILÁBICA	SILÁBICA	ALFABÉTICA

FIGURA 3

PRÉ-SILÁBICO	SILÁBICO	SILÁBICO-ALFABÉTICO	ALFABÉTICO
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não relaciona a escrita com a fala.</li> <li>- Pode usar desenhos ou letras conhecidas para representar palavras de modo alfabético.</li> <li>- Pode usar uma letra inicial para representar a palavra toda.</li> <li>- Não diferencia a função de desenho/letra/número.</li> <li>- Acredita que coisas grandes precisam de palavras grandes, e vice-versa.</li> <li>- "Lê" apenas palavras decoradas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Percebe que a escrita representa a fala.</li> <li>- Usa um símbolo ou letra para cada fonema perceptível ao falar.</li> <li>- Ao fazer a "leitura" aponta uma letra para cada fonema, ou palavras de uma frase.</li> </ul> <p><a href="http://www.educacrianca.com.br">www.educacrianca.com.br</a></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Entende que a escrita representa os SOMOS da fala.</li> <li>- Usa mais de uma letra para marcar as sílabas perceptíveis na fala.</li> <li>- Pode escrever usando só vogais ou só consoantes.</li> <li>- Atribui o valor correto do fonema em alguns escritos.</li> <li>- Compreende algumas correspondências de letra/sílaba com seu som.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reconhece o valor sonoro de todas as letras e sílabas.</li> <li>- Costuma escrever uma mesma palavra sempre de mesmo jeito.</li> <li>- Faz leitura sem imagens.</li> <li>- Inicia a preocupação com questões ortográficas.</li> <li>- Separa as palavras nas frases.</li> <li>- Produz textos de forma convencional.</li> </ul>
			<p>Escrita correta, podendo conter alguns erros ortográficos (caza/casa).</p>

Fechamento sobre a temática ALFABETIZAÇÃO

### **Encontro 5: Tema: Alfabetização e Letramento**

OBJETIVO: Estudar, discutir e diferenciar ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

DESENVOLVIMENTO:

- Acolher a música AMANHECER
- <https://www.youtube.com/watch?v=gY4BMYn13Ew>
- Power Point sobre Alfabetização e Letramento

Atividade em dupla: a) Ler e discutir o texto: “A importância do letramento nas séries iniciais” de Vanessa Fulaneti de Almeida e Alessandra Corrêa Farago.

GRUPO 1- Ler da página 204 a 210, discutir e preparar uma apresentação criativa!

GRUPO 2- Ler da página 210 a 213 discutir e preparar uma apresentação criativa!

GRUPO 3- Ler da página 213 a 217, discutir e preparar uma apresentação criativa!

- Vídeo: Assistir o vídeo: Alfabetização e Letramento – Maga Soares  
<https://www.youtube.com/watch?v=k5NFXwqhLQ8> -8min33 seg
- Roda de Conversa: O que este vídeo acrescenta na sua prática pedagógica

### **Encontro 6: Tema: Letramento**

OBJETIVO: Dar continuidade ao estudo e à discussão sobre Letramento

DESENVOLVIMENTO

- Acolher as professoras
- Mensagem: Vida de Professor  
[https://www.youtube.com/watch?v=LIOtuGvC\\_Vw](https://www.youtube.com/watch?v=LIOtuGvC_Vw)
- Partilha da mensagem
- Em círculo: Roda de conversa sobre o que acrescentou do Encontro anterior?  
Quais suas dúvidas?
- Momento Individual: CADA PARTICIPANTE receberá uma figura abaixo  
contendo o seguinte comando:  
Vocês deverão ler, discutir o texto sobre Alfabetização e Letramento para  
nossa Roda de conversa

FIGURA 1

## ALFABETIZAÇÃO & LETRAMENTO

### ALFABETIZAÇÃO

- Etimologicamente o termo “alfabetização” significa “levar a aquisição do alfabeto”.
- O termo vai sendo resignificado com as contribuições da linguística, psicologia, psicolinguística.
- O conceito de alfabetização restrito ao processo “mecânico” de codificação e decodificação da relação fonema/grafema é problematizado diante do fracasso escolar produzido por este sistema.

FIGURA 2

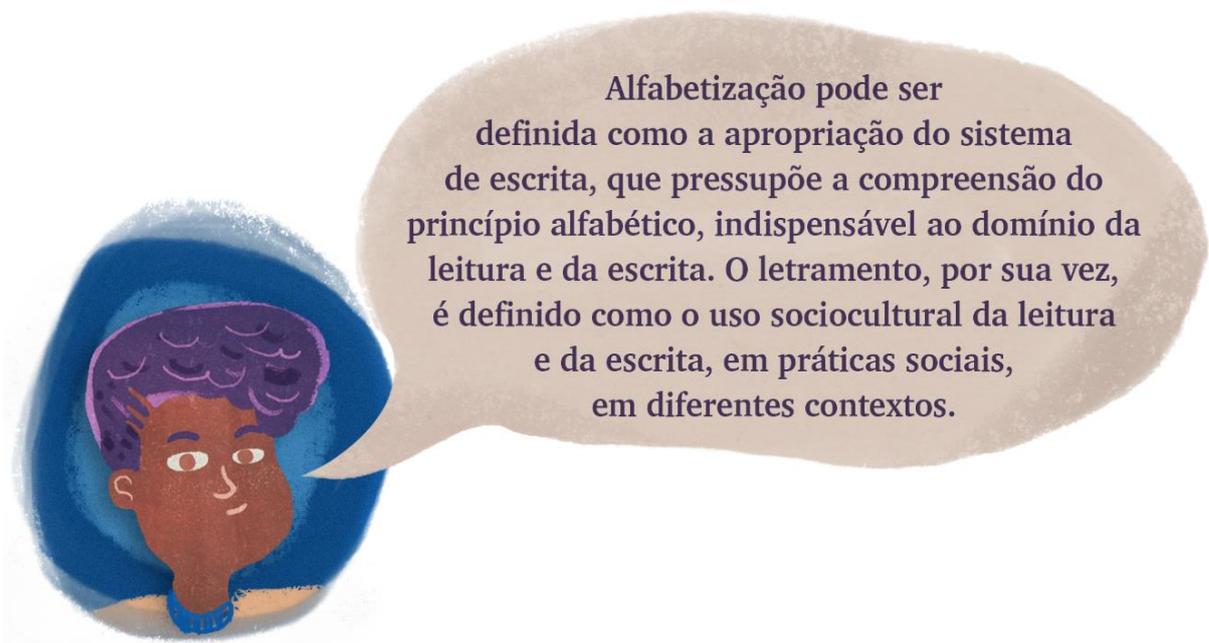


FIGURA 3

## Conceito de alfabetização e letramento

- **Alfabetização** – dimensão individual – aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades de leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem; Decodificação de códigos;
- **Letramento** – dimensão individual e social – usa socialmente, pratica, responde adequadamente às demandas de leitura e escrita; Envolve dois processos contínuos e complementares: Ler e Escrever.

FIGURA 4

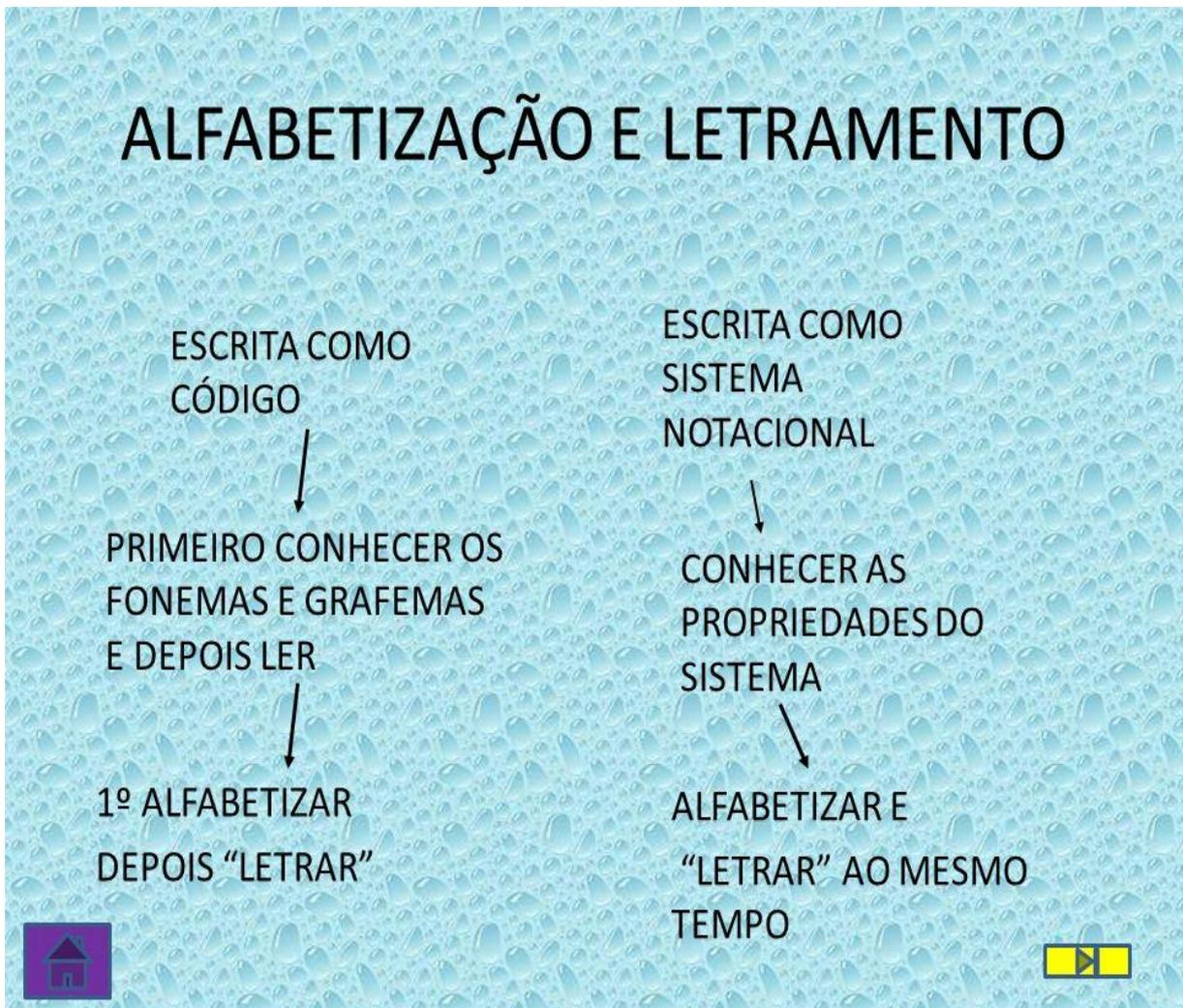


FIGURA 5

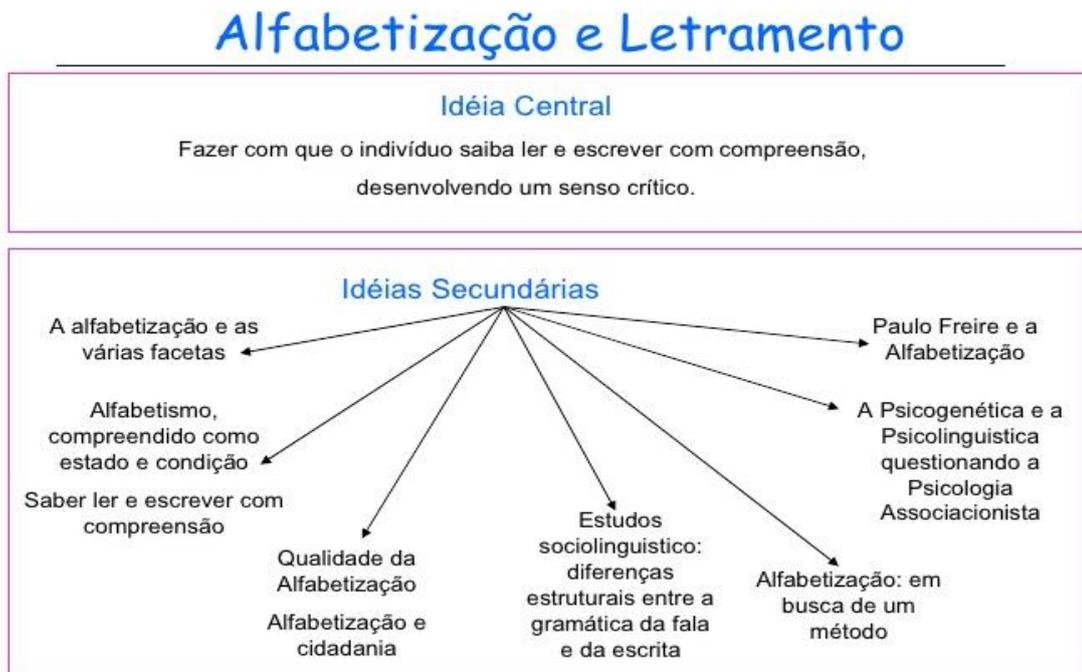


FIGURA 6



Fechamento sobre a temática Alfabetização e Letramento com o vídeo:

a) Diferença entre alfabetização e Letramento. SITE <https://www.youtube.com/watch?v=yzYwuELdgK0>

## Encontro 7- Tema: Avaliação Escolar

OBJETIVO: Estudar e discutir sobre avaliação escolar

DESENVOLVIMENTO:

- Acolher as professoras com o Vídeo: Motivação para Professores
- <https://www.youtube.com/watch?v=hsd08NEpQUE>
- Em círculo: Auto apresentação e partilha sobre sua expectativa para a formação
- Power Point sobre Avaliação Escolar
- Atividade em dupla: Ler e discutir o texto: **“Avaliação do processo de ensino-aprendizagem: Tecituras a partir da práxis educativa contemporânea** de JUNIOR, Ailton Batista de Albuquerque ET AL:

GRUPO 1- Ler da página 1 a 6, discutir, partilhar e elaborar uma apresentação utilizando FIGURAS E /OU PALAVRAS.

GRUPO 2- Ler da página 6 a 9, discutir, partilhar e elaborar uma apresentação utilizando FIGURAS E /OU PALAVRAS.

GRUPO 3- Ler da página 9 a 17, discutir, partilhar e elaborar uma apresentação utilizando FIGURAS E /OU PALAVRAS.

- Assista o vídeo: Avaliação Escolar- 9min 39seg  
Site:<https://www.youtube.com/watch?v=358mC3sjIEA>
- Partilha: O que este vídeo acrescenta na sua prática pedagógica

## Encontro 8: Tema:

OBJETIVO: Dar continuidade ao estudo e à discussão sobre a Avaliação Escolar

DESENVOLVIMENTO

- Acolher as professoras
- Mensagem: O Poder Transformador da Educação
- <https://www.youtube.com/watch?v=lw1a4CM3V0w>

- Partilha da mensagem
- Em círculo: Roda de conversa, cada uma receberá uma charge ABAIXO que deverá analisar e partilhar sobre Avaliação Escolar:

- a) Qual a temática das charges?
- b) Elas demonstram a realidade escolar? Por quê?
- c) O que mais lhe chamou a atenção e por quê?
- d) Reflitam sobre as questões:
  - e) Reprovar é a solução para o ensino na atualidade?
  - f) O ensino é significativo para o aluno?
  - c) O processo avaliativo tem qual função na atualidade?

**FIGURA 1**



FIGURA 2

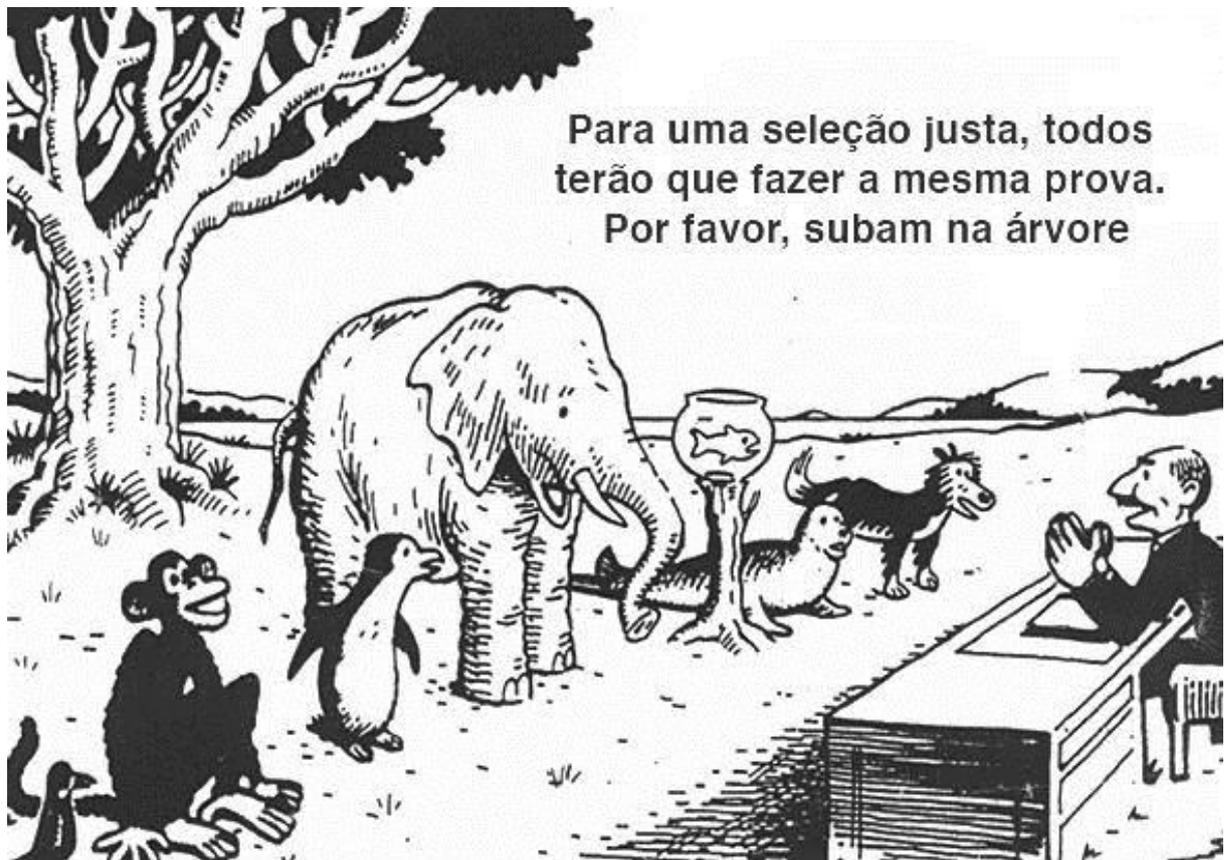


FIGURA 3



FIGURA 4



FIGURA 5



FIGURA 6



## **ANEXOS**

### **ANEXO 1 CARTA DE ENCAMINHAMENTO**

ANEXO 2 AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO